

O GALLO

ANO I • Nº 1
NATAL, MARÇO/1988

JORNAL CULTURAL
FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO • COMPANHIA EDITORA DO RIO GRANDE DO NORTE



EDITORIAL

Sempre que o galo cantar despertará o homem insone. O galo é o símbolo desta cidade. Aparentemente ele não tem poder de voo, não pode voar devido suas asas curtas e longas. Porém, o homem que enxergar mais além e ultrapassar as fronteiras do óbvio verá que a crista carnuda do galo faz com que ele realize vãos interiores mais intensos e fecundos. O galo pode ser águia e voar por céus indizíveis, pode ser peixe e nadar com agilidade por rios caudalosos. O seu papel maior é o de acordar os que adormeceram por excesso de ócio, ou devido ao cansaço causado pela mediocridade que ronda certos terreiros das artes neste estado.

Através da Fundação José Augusto e Companhia Editora do Rio Grande do Norte, o Governo Geraldo Melo se dispõe a incentivar, divulgar e estimular os artistas, intelectuais e promotores culturais que se sensibilizarem e realmente acordarem com o canto de **O Galo**.

A Poesia tinha que estar presente nesse primeiro número, pois o Dia 14 de Março, Dia Nacional da Poesia, não deixa de ser uma data para se refletir e repensar a poesia norte-riograndense. Qual o porquê dos nossos poetas não terem seu merecido lugar no cenário nacional? Qual o porquê de poetas como Myriam Coeli, Zila Mamede e Jorge Fernandes terem permanecido ou serem lidos apenas por essas

paragens nordestinas? Má distribuição? Má divulgação? Descaso de editoras e órgãos responsáveis pela cultura do Estado? Indiferença dos próprios autores? Impossível arremessar a culpa num alvo apenas. Dividi-la é mais justo e compreensível.

No Rio Grande do Norte, especialmente em Natal, a poesia é uma constante. Fazer versos parece um vício por esses lados. Não vemos mal algum nisso. O mal está na ignorância e na miséria que assolam esse país de escândalos e escândalos. Portanto **O Galo** canta e evaciona a Poesia. Aqui não há lugar para pudores. **O Galo** também é crítico e sabe que a auto-crítica ainda é o grande antídoto contra a pieguice derramada e os deslizes emocionais.

Neste número, **O Galo** colocou a cultura, especificamente as artes, na berlinda, ouviu poetas, artistas plásticos, gente de teatro, literatura, música, produtores culturais. O que se resgatou, o que se fez, o que se deixou de fazer nesse campo, no Rio Grande do Norte. Eis a questão.

O Galo pode desafinar, entristecer, mas não baixará sua crista nem deixará de cantar. Está aberto a críticas e sugestões. Tem a dose certa de humildade e o orgulho necessário. Sabe que é imprescindível avançar além.

Cantemos juntos.

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Governador
GERALDO MELO

Presidente da Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA

Diretor-Presidente da Companhia Editora do Rio Grande do Norte/CERN
WALTER MEDEIROS

Publicação mensal
Fundação José Augusto
Companhia Editora do Rio Grande do Norte — CERN
Natal, março de 1988 — Ano I - Nº 01

Editora
MARIZE CASTRO

Diagramação
MOACIR OLIVEIRA
TÂNIA LÚCIA DA SILVA

Arte-Final
GILBERTO ALVES

Capa
Desenho de **NEWTON NAVARRO**

Revisão
JOÃO BATISTA DE MORAIS NETO

Fotógrafo—**JOSÉ GODEIRO JR.**

Redação: Rua Jundiá, 641 - Tirol - Natal - Rio Grande do Norte - CEP 59020 - Tel.: (084) 221-2936. A editoria de **O Galo** não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nos artigos assinados. Elas não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

O GALO



SUMÁRIO

Silent night, holy night	03
Natal vestida de poesia	04
Da necessidade, ou não, da poesia	06
Galo canta, macaco assobia	07
A Dança da Vida	08
Mitologia do desejo snirleyano	09
Um mestre da repetição	10
Uma partida de dados	11
Cultura potiguar: eis a questão	12
De como se julga um projeto de pesquisa	14
Piratas sob o sol	16
As orelhas do rei	17
Gregório de Matos, a poesia do deslocado	18
Leituras e Leitores	20
Poema de Jorge Fernandes	21
Um balanço na cena potiguar	22
Ode à palavra	24

Silent night, holy night

Aos primeiros sussurros da voz evangélica de Mahalia Jackson, me vem à mente um outro momento em que esta noite foi lembrada. Uma noite que deu nome a uma cidade. Clarice Lispector abre o texto assim, "Em Natal, Rio Grande do Norte, acordei no meio da noite, tranquila como se estivesse despertando uma tranquila insônia". O primeiro estranhamento de Clarice com a cidade veio no vento. Pois é isto. Natal é feita de vento. Indefinível como o próprio vento. São milhares de fantasmas vagando por este jardim do éden pelo avesso. A cidade explodiu desde o dia em que Clarice viu anjos numa noite insone em um hotel de Natal. Vista da Redinha, Natal mais parece uma cidade medieval cercada pelo muro incerto dos edifícios no centro da cidade. No entanto Natal é moderníssima em certos hábitos. E inquietíssima. Registre-se aí a sua insaciável mania pelo que é de vanguarda. Natal não suporta ser província. Talvez prorrisso uma boa parcela de seus veneráveis habitantes adoram jazz. Aquela música de uma mistura impossível de negros americanos, em cujas veias ainda ressoam tambores da África, e brancos puritanos, com seus ritmos europeizados. Nota-se em cada olhar aquele orgulho tolo de quem saltou para a história a que não se sabe quem saiu vencedor ou vencido. É uma cidade acima de tudo apaixonada. Por tudo e por nada. Muitos sonham quimeras. A concentração de poetas por habitante é de tal forma assustadora que um representante do Guinness Book já até fez reserva em um dos luxuosos hotéis da Via Costeira. Não se sabe quando o ilustre cidadão vai começar sua árdua tarefa de contabilizar poetas. Natal tem ares de metrópole, e

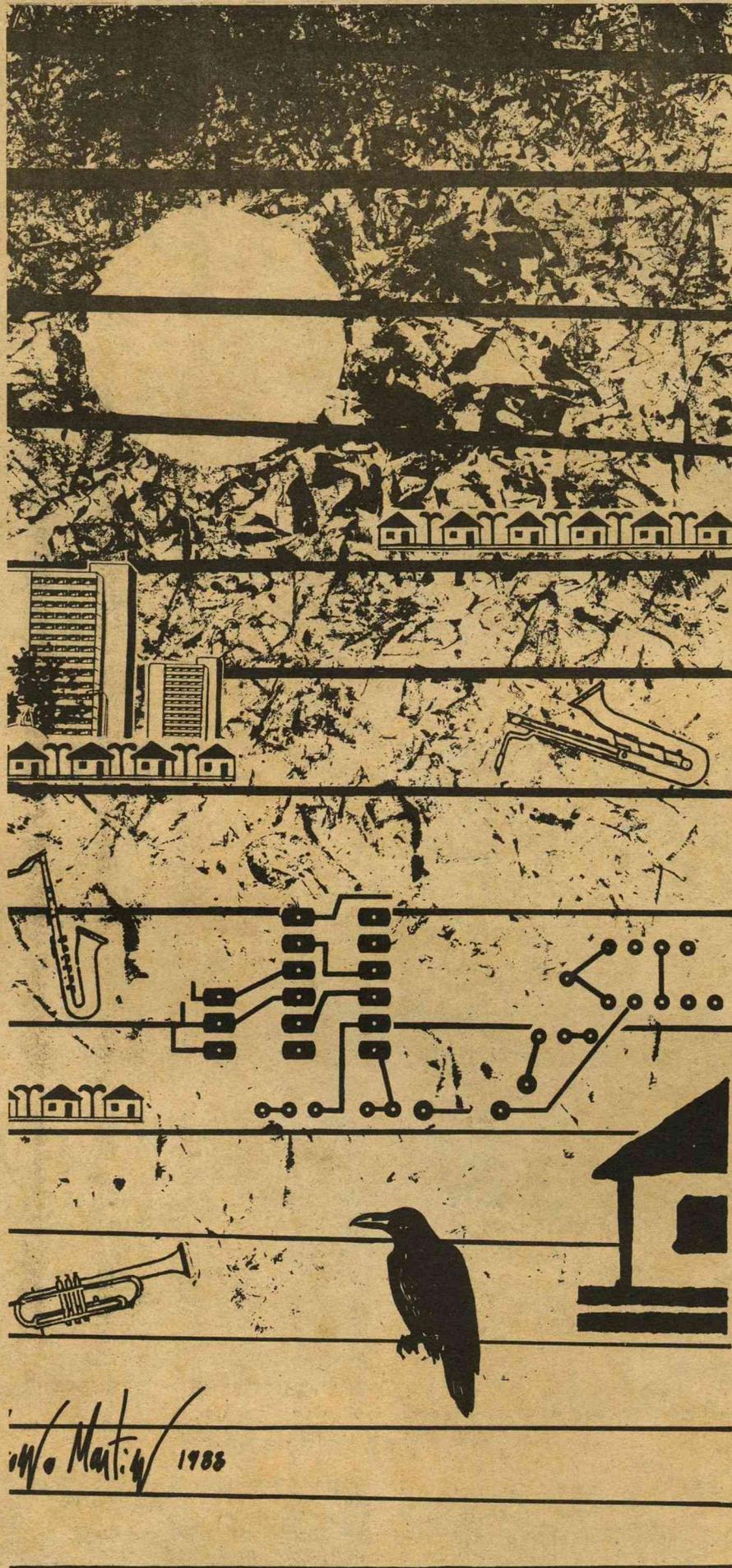
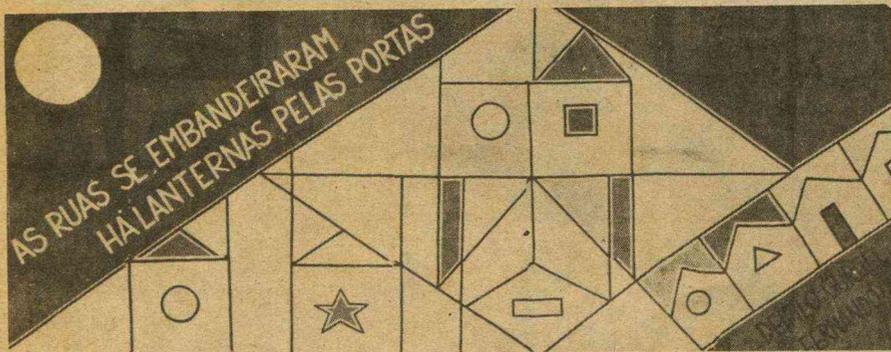


Ilustração de Afonso Martins

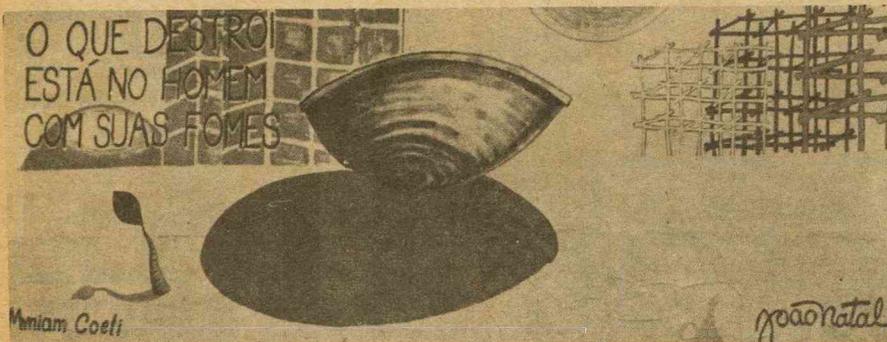
não passa de uma **cidadezinha** do interior. Se a apressado viajante tiver paciência ainda verá ruas com cadeiras nas calçadas. E se não tiver paciência pode esbarrar numa an-

tena parábola em uma esquina qualquer. É uma cidade calma, hospitaleira e violenta. Não há espanto nas fotos sangrentas dos jornais. Há a violência sutil, que vem de mãos

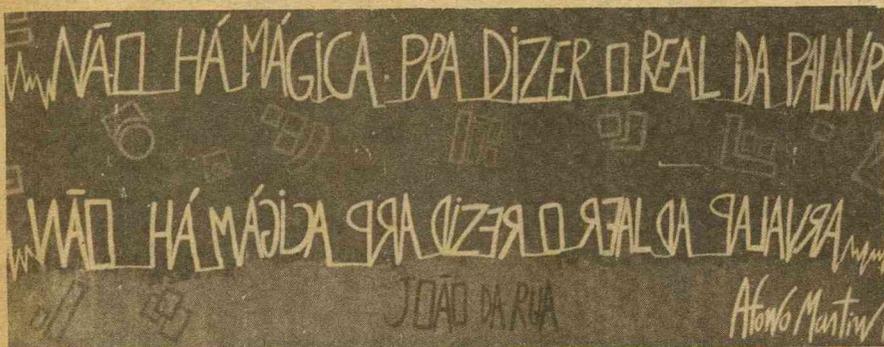
dadas com a miséria, com a fome das ruas. Mas vamos fechar os olhos e isto tudo, virar as costas ao mundo cão e olhar para a sonífera visão do Morro do Careca. Ali onde a ociosidade destila sonetos nas tardes azuis. Ali onde um toca-fitas desesperado pode de repente afagar nossos ouvidos com um solo de Miles Davis ou nos torturar com uma tirolada de forró pornográfico. Vamos tentar entender esta noite que de tão silenciosa acordou Clarice com uivos de ventania. Noite feliz, noite de paz. Natal é um solo de trompete numa manhã de eclipse. Provavelmente uma manhã igual aquela em que o menino acordou tranquilo e viu vacas ao redor, na certa vacas de narizes bem mais sutis que os habituais narizes de madames inúteis. De nada adianta relacionar aqui o número de habitantes, a renda per capita, o índice econômico, a lista de automóveis. Nada nestes números poderá revelar o calor humano da cidade. Sem contar com o calor que faz os termômetros beirarem sempre os 40 graus. São pessoas simples, alegres, esforçadas e maledicentes. O natalense mediano não suporta o sucesso alheio. E só há um meio de envenenar a alegria de outros. O veneno. Não do tipo usado pelos Borgia. Mas um tipo pegajoso, destilado pela inveja. E o jazz? bem, o contato com os americanos da Segunda Guerra abriu as portas da percepção dos natalenses mais cultos, para esta música que tem como espírito uma nota musical que não se enquadra de jeito nenhum com as convencionais, antes subverte-as. Daí talvez o ânimo sempre pronto para as revoluções mesmo as mais infantis, como a de 35. Se não levarmos em conta os sacrifícios humanos, pois o poder nunca brinca em serviço. Pois bem, a blue note pode assim sem querer, exemplificar o espírito do natalense. Há sem dúvida os simplórios. Destes não tomaremos nota, pois a história esquece de gente como o Comandante Vichy, que não perdeu guerra nenhuma, mas deixou de ganhar a principal. A blue note na certa casou bem com ouvidos acostumados ao vento. "O silêncio falava", diz Clarice, e completa adianta: "Pois o quarto do hotel estava cheio do canto coral do silêncio que se evidenciava. E eu abençoada desse jeito. Mas não quero nunca mais". Acho que Natal de tão bela e tão letal, não merece uma definição. Vai ficar de castigo no interior de seu próprio mistério. Vai ficar iluminada e colorida matando seus filhos de desgosto. Acho que Natal não merece nem um soneto. Natal me faz lembrar Cabília. Uma cidade como esta tinha que ser universal e santa, interiorana e profana. Acho que Natal é Clarice Lispector com insônia.



Deifilo Gurgel/Fernando Gurgel



Myriam Coeli/João Natal



João da Rua/Afonso Martins



Aluizio Mathias/Venâncio Pinheiro



Marize Castro/Marcelus Bob

Natal vestida de poesia

No verão passado, Natal vestiu-se de poesia. Surpresos transeuntes depararam-se, no mês de fevereiro, com versos de poetas norte-rio-grandenses espalhados em quase 50 outdoors distribuídos pela cidade, nas avenidas Salgado Filho e Prudente de Moraes, rua Joaquim Manoel e estrada de Ponta Negra. Entrava em cena o projeto **Verão Com Poesia**. Uma promoção da Fundação José Augusto, pioneira e inédita no país, realizada pelo Núcleo de Literatura da FJA e patrocinada pelas empresas Sistema S/A e Bandeirantes Outdoor.

Aqui, os artistas plásticos foram peças fundamentais. Eles idealizaram, a partir do verso escolhido, e executaram artesanalmente a programação visual dos outdoors. A idéia era **casar**, numa combinação perfeita, poeta e artista plástico. Tudo leva a crer que todos casamentos foram "felizes".

Audácia? Ousadia? Certamente. Mas por que não ousar ir mais além? Os versos estão nos livros, que por sua vez estão nas gavetas e estantes, as artes plásticas estão nas galerias, que por sua vez intimidam o grande público e são frequentadas apenas por uma elite cultural e

social. Levar a poesia e as artes plásticas para as ruas, em contato com o povo; tentar socializar o que só poucos privilegiados têm acesso; provocar; causar reações, discussões; embelezar a cidade, recheá-la com poesia; reinventar, revelar este mundo e criar outros; desmitificar, des-sacralizar a arte; incentivar e despertar o interesse de possíveis leitores; divulgar nossos artistas plásticos e colocá-los em contato com prováveis compradores dos seus quadros. Eis alguns dos objetivos do **Verão Com Poesia**.

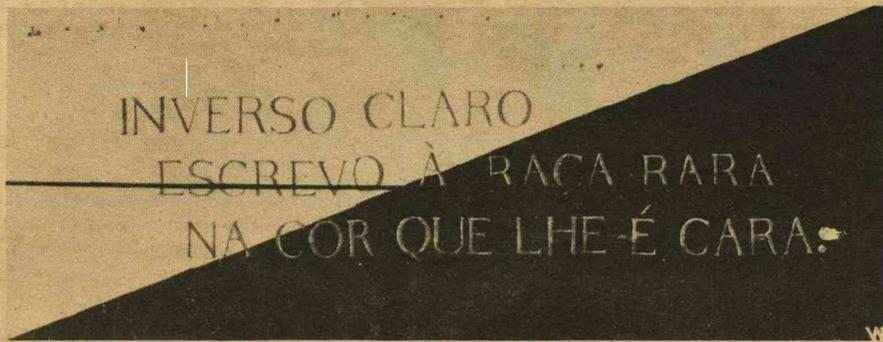
Estiveram presentes neste projeto poetas como José Bezerra Gomes, Jorge Fernandes, Zila Mamede, Myriam Coeli, Luís Carlos Guimarães, Diógenes da Cunha Lima, Auta de Souza, Luís Rabelo, Otoniel Menezes, Franco Jasiello, Sander-son Negreiros, Wellington Dantas, Felipe Varela, Carlos Magno, João da Rua, Aluizio Mathias, Nivaldete Xavier e tantos outros. Nas artes plásticas, o projeto reuniu desde nomes reconhecidos como Dorian Gray, Eugênio Medeiros, Assis Marinho, Fernando Gurgel e Vicente Vitoriano, a nomes igualmente talentosos como Ítalo Trindade, Afonso Martins, Jair Peny, Mar-



Franco Jasiello/Eugênio Medeiros



José Bezerra Gomes/Oswaldo



Wellington Dantas/Italo Trindade



Zila Mamede/Luís Carlos da Silva

celus Bob, João Natal, Novenil, João Antônio, Cláudio Damasceno, Isaías Ribeiro, Carlos José, Venâncio Pinheiro, Luís Carlos da Silva, Pedro Alves, Júlio César Revorêdo, Ery Alves, Masa, Maria Amélia, Carlos Sérgio, Mano, Jânio V. Sobral, Edson Moura, Cristina Jácome, Adrovan Magno, Fábio Ojuara, Madé Weiner, Lavoisier Cunha, Franklin Oliveira, Eri Furtado, entre outros.

A coordenação do projeto, que coincidentemente é responsável pela editoria deste jornal, não pode deixar passar em branco e muito menos ficar indiferente ao insensato e precipitado ato de censura que o outdoor do artista plástico Eugênio Medeiros e do poeta Franco Jasiello sofreu por parte da empresa Bandeirantes Outdoor, dona dos painéis utilizados. O belíssimo e muito bem elaborado desenho de Eugênio Medeiros, todo feito à mão, em giz de cêra (vale salientar que são nove metros de comprimento por três de largura), foi mutilado em nome de um moralismo caduco e indecente. Dois nus masculinos se entreolhando, acam-

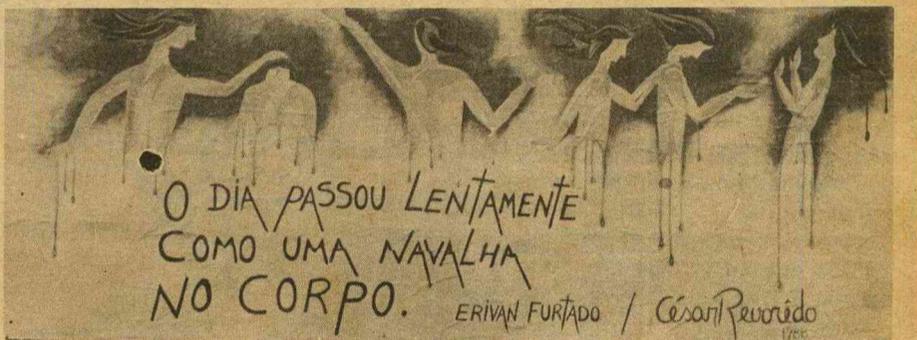
panhados pelo verso **Amanhã Vingam-se os Sonhos**, foi motivo suficiente para a empresa Bandeirantes, dizendo-se pressionada pela população, interferisse, sem consultar a coordenação do projeto, num trabalho artístico de uma forma conservadora e autoritária. Não sabemos se por desinformação ou por ignorância.

É preciso ficar claro, de uma clareza que não cegue os olhos, que não houve cumplicidade da Fundação José Augusto nem do Governo do estado nesse ato de censura que evidencia a enfermidade e repressão que assolam as cabeças de certos homens.

Todavia, como disse um belo poeta mexicano, armado de arco e lira: **A pedra arde, as substâncias enamoradas se entrelaçam.**



Felipe Varela/Eri Furtado



Erivan Furtado/César Revoredo



Auta de Souza/Cristina Jácome



Jorge Fernandes/Novenil



Milton Duarte/Gilberto Aives



Diógenes da Cunha Lima/Jayr Peny

Da necessidade, ou não, da poesia

Tagore falou que “a música vê o infinito no ar, a pintura o vê na terra e a poesia o vê na terra e no ar, pois sua palavra tem melodia que voa e o sentido que caminha”. Octavio de Medeiros, em sua lusobrasilidade, “sonetifica”, em versos de um parnasianismo um tanto meloso e, conseqüentemente, de gosto discutível, servindo, apesar disso, para ilustrar o tema-título desta arenga:

“Ser poeta é ser o intérprete sagrado de Deus, do bem, do amor, da natureza poder dar luz à quadrupla grandeza dom que pôr ela própria lhe foi dado”.

Cecília Meirelles diz em seu poema “Motivo”:

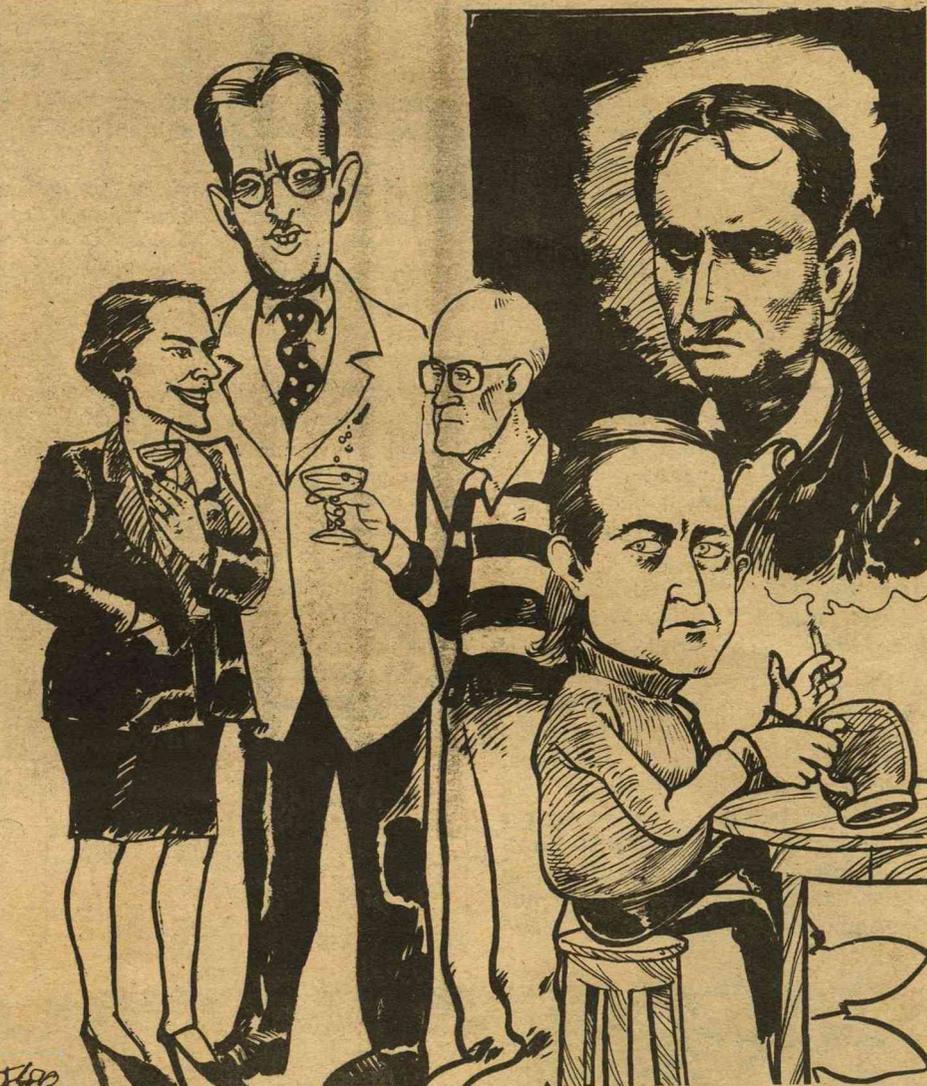
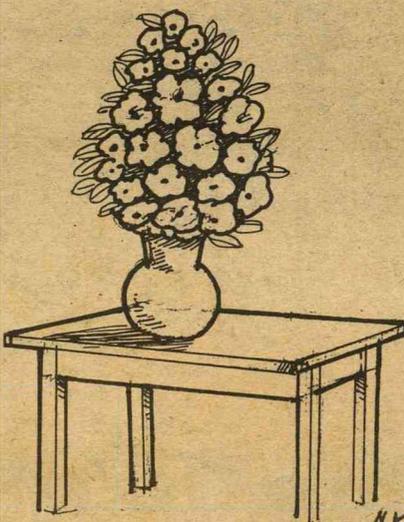
“Canto porque o instante existe e a minha vida está completa não sou alegre nem sou triste sou poeta”.

Não há intenção de defender tese, nem de fazer deste escrito um estendal de citações, tremulando aos olhos do leitor. Apesar disso não posso deixar de apresentar algumas delas, como quem arranja flores em um vaso da sala de visitas, ou abre as portas que dão para um jardim bem cuidado.

A poesia deve ter, acredito, a idade do homem, ainda que as suas primeiras manifestações nos tenham chegado através da escrita rupestre. Não pretendo ir tão longe, até por falta de armas. Sou um poeta e não um cientista, um arqueólogo ou coisa assim.

Mas, deixando de lado a rupestridade da poesia escrita nas cavernas e nos monolitos, vamos marcar aqui, de passagem, as aventuras de Odusseus ou Ulisses, poetizadas na Odisséia de Homero que, séculos mais tarde, Kazantzakis iria continuar e terminar com seus trinta e três mil e trezentos e trinta e três versos.

Depois de Homero e Kazantzakis, apenas como marco miliário ou coisa que valha, vamos lembrar também Virgílio e sua Eneida, as “Plêiades” gregas que viveram sob Ptolomeu Philadelpho e da qual faziam parte os poetas Liophron, Theócrito, Sótades, Alexandre o Etoliano, Philiscus de Corcira, Sosiphanes de Siracusa e Homero, o Jovem, as “Plêiades” francesas do reinado de



Henrique II, com Ronsard, Du Bellay, Remy Belieu, Jodelle, Dorat, Baif e Pontus de Tyard e uma segunda, mais tarde, sob Luís XIII, reunindo Rapin, Commire, Larue, Santeul, Ménage, Duperrier e Petit. Vamos dizer também que houve, por aí, uma tentativa não bem sucedida de imitar a Ilíada, com uma “Franciade” que não convenceu, mas valeu como documento de uma época.

Há nos poetas, e isso é uma constatação irretorquível, um muito de profeta, de arauto das verdades maiores, dos sofrimentos mudos, do silêncio dos lábios amordaçados, de cumplicidade no amor, de conivência com a vida.

Continuo no firme propósito de fazer o mínimo de citações, mas plantarei nomes, como bôias luminosas em uma rota que leva à desco-

berta atônita da outra margem do rio onde medram outras flores, além das decantadas pelo imediatismo ou pela filosofia do americano Charles Sanders Peirce. Elas ajudarão a tentar “não padecer sob as armações metálicas do mundo”. Procurem reencontrar os já conhecidos e conhecer os ainda não encontrados. Há muitíssimos mais, que não me chegam agora e que, certamente, não caberiam no espaço de uma crônica, mas todos esses aí de baixo têm luz própria e farão claro o caminho ao fim do qual, quem sabe, até nos depararemos com a nossa outra face. Ei-los.

Drummond/João Cabral de Melo Neto/Thiago de Melo/Paulo Mendes Campos/Moacir Félix/Vinicius de Moraes/ Manoel Bandeira/ Carlos Pena Filho/ Augusto dos Anjos/ Cruz e Souza/ Chico Buarque de

Holanda/ Caetano Veloso/ Jorge Fernandes/ Celina Ferreira/ Fernando Pessoa/ Miguel Torga/ Federico Garcia Lorca/ Antonio Machado/ Gustavo Adolfo Becquer/ Gabriela Mistral/ Pablo Neruda/ Rubem Dario/ Amado Nervo/ Omar Khayyam Salvatore Quasimodo/ Dante Alighieri/ Goethe/ Baudelaire/ Aragon/ Rimbaud/ Verlaine/ Prevert/ Valery/ Shakespeare/ Edgard Allan Poe/ Rainer Maria Rilke/

E continuem a andar. “Andar... enquanto consente Deus que seja a noite andada. Porque o poeta, indiferente, anda por andar-somente. Não necessita de nada”.

Depois de conversar com eles lá de cima e de tudo isso mais, talvez vocês venham a dizer com a convicção que consigo fazê-lo agora:

“DA NECESSIDADE, SIM, DA POESIA”.

Augusto Severo Neto é poeta e escritor, nascido em Natal, em 1921. Lança em breve o livro *Do Existir Façanoso de Odiécio Gineceu*, “um romance eubiótico na primeira pessoa.

Galo canta, macaco assobia

Minha vocação para as letras começou quando eu era ainda do tamanho de um índio pequeninho assim, e via papai embriagado torrando todo o dinheiro em letras de câmbio. O dinheiro torrado, às vezes em fogo brando como os judeus de Treblinka, era o supremo sacrifício de mamãe catando clientes nas calçadas da Avenida das Américas.

Nova Iorque era um saco para os nordestinos, mas o sonho da nossa família era fazer fortuna. Minha irmã foi internada numa creche-bordel e com pouco tempo passou à condição de líder sindical. Sabia de tudo, a danadinha, temas, variações, improvisos, posições as mais esquisitas, como, por exemplo, a 'Ora di-reis ouvir estrelas' que ele havia aprendido selecionando alimentos no forno do lixo. Se a vida, para os ricos, é uma escola, para os pobres é uma cadeia. Olhando bem, a diferença é quase imperceptível, do ponto de vista dos professores universitários pós-graduados ou dos turistas.

Morávamos bem, sem ter o que lamentar. Pegamos carona no apartamento de uma tia chata, que vivia sozinha, e fez questão de nos receber muito carinhosamente, essa mania que torna fácil perceber a diferença entre um nordestino e um ser humano. Chata é só uma maneira de dizer, ela era uma pessoa como nós, curtia farinha, carne-de-sol, feijão verde, rapadura, buchada e panelada, alimentos que ela popularizou de costa a costa, a ponto de todos os astronautas da NASA exigirem como a cesta básica para todas as viagens. Tornou-se comum

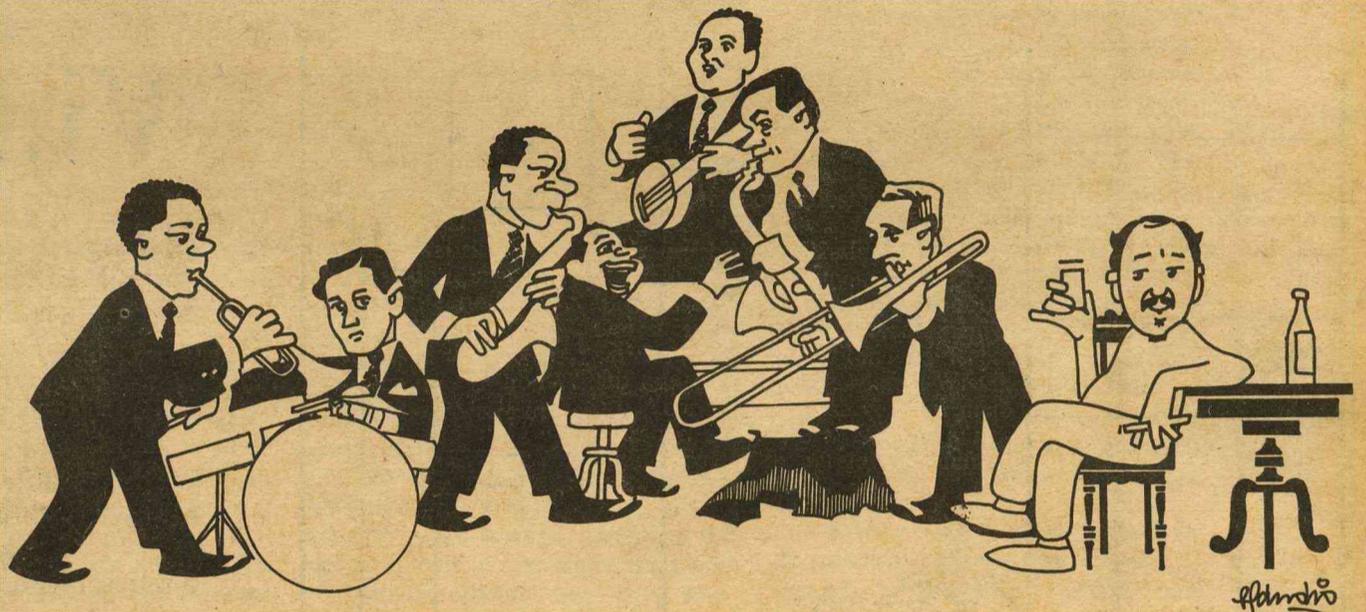


Ilustração de Claudio Oliveira

ligar a televisão e dar de cara com Eisenhower fazendo um pronunciamento e mastigando pirão com cabeça de bode.

Papai trabalhava de dia; mamãe, à noite; minha irmã dificilmente vinha em casa, e tudo isso tornou muito próxima a convivência de tia Xerxes comigo. Além do mais, nós não falávamos inglês e os vizinhos, por pura ignorância, não se interessavam pelo Tupi-guarani. O que não impedia de nos divertirmos juntos, a garotada nos skates e tia Xerxes na cadeira de rodas empurrada por mim, fazendo pegadas apostando cinco fileirinhas de pó contra um queijo de coalho. Era a sua forma de atingir orgasmos múltiplos, matar as saudades de Simone, Bethânia, Gal, Marina, Zizi Possi e Maguila, seus ex-namorados.

Nos intervalos, eu lia

tudo e escrevia muito. Sim, mamãe e papai às vezes me atrapalhavam, trocando porradas e dizendo palavrões que me faziam chorar pela lembrança das campanhas políticas no Brasil. Mas logo, os dois, quando me viam em prantos e com corrimento, se juntavam e vinham me consolar com Danoninho. Então eu continuava nas leituras e nos escritos, pois sabia que se eu crescesse ignorante, o máximo que poderia atingir era ser um homem de bem. Li todos os clássicos: Ele&Ela, Manchete, Capricho, Amiga, Veja, Istoé, Playboy, o cacete. E tudo no original. Até que um dia conheci Mike e apaixonei-me do pé à ponta, de ponta-cabeça, por favor não me esqueça.

Mas Mike um dia foi embora, Vietnam, essas coisas

de viado, ficar trocando tiro na selva. Sentiu uma dor de barriga, correu prá debaixo do que ele pensava ser uma árvore, e PUUUM, não ele, mas a árvore, e daí nasceu a expressão 'Shit Storm', e daí Mike partiu para sempre.

É isso, é a morte, é a vida, é o que acontece com quem não acredita nos horóscopos. Hoje, moro nos bares. Nem fama, nem luta, nem dama, nem puta - apenas uma mulher. Escuto os negros tocando jazz, sei tudo de todas as canções, vez por outra choro discretamente, visto-me com recato, meu perfume é a essência do que fui. Nos fins de noite, há sempre alguém junto ao piano, querendo cantar uma música que esquece.

"Sabe a letra?!", me perguntam. Sim, sei. Minha vocação para as letras começou, ah, sei lá quando.

A Dança da Vida

Possuo uma máquina de escrever portátil, gestante fabril, e íntima dos amantes da literatura.

-só vendo para crer.

No corpo a corpo ela vibra com todos os seus teclados

-uma máquina de fibra.

Se eu nela introduzo o papel em branco.

-quando a uso-

o seu coração bate loucamente num pulsar de fios telegráficos.

É ela quem me imprime.

Vendo-a exposta na vitrine

não resisti - e, otário,

por ela me vendi -

para pagar o crediário.

Pu-la na cabeça ao transportá-la

e hoje ela pula em minhas mãos

-domada, doméstica das letras.

Longe de mim, trancada, não fala.

Mas, em silêncio,

convida-me ao prazer

de criar - nem que seja um verso transverso.

Nua, sem pudor, me habitua aos mistérios desvendados da escrita.

Usa fitas coloridas e - muda -

fita o infinito em que o poeta estuda, sonha, canta e escreve para viver

(é vivendo que se aprende a ser mulher).

Máquina-homem, objeto sensual, lúdico, poético, profissional.

Sem ela, certamente, o ofício

voltaria a ser manuscrito

- um mais singelo rito

para o mesmo sacrifício.

Como ela existe, todo esse fado

vai ter de ser dactilografado.

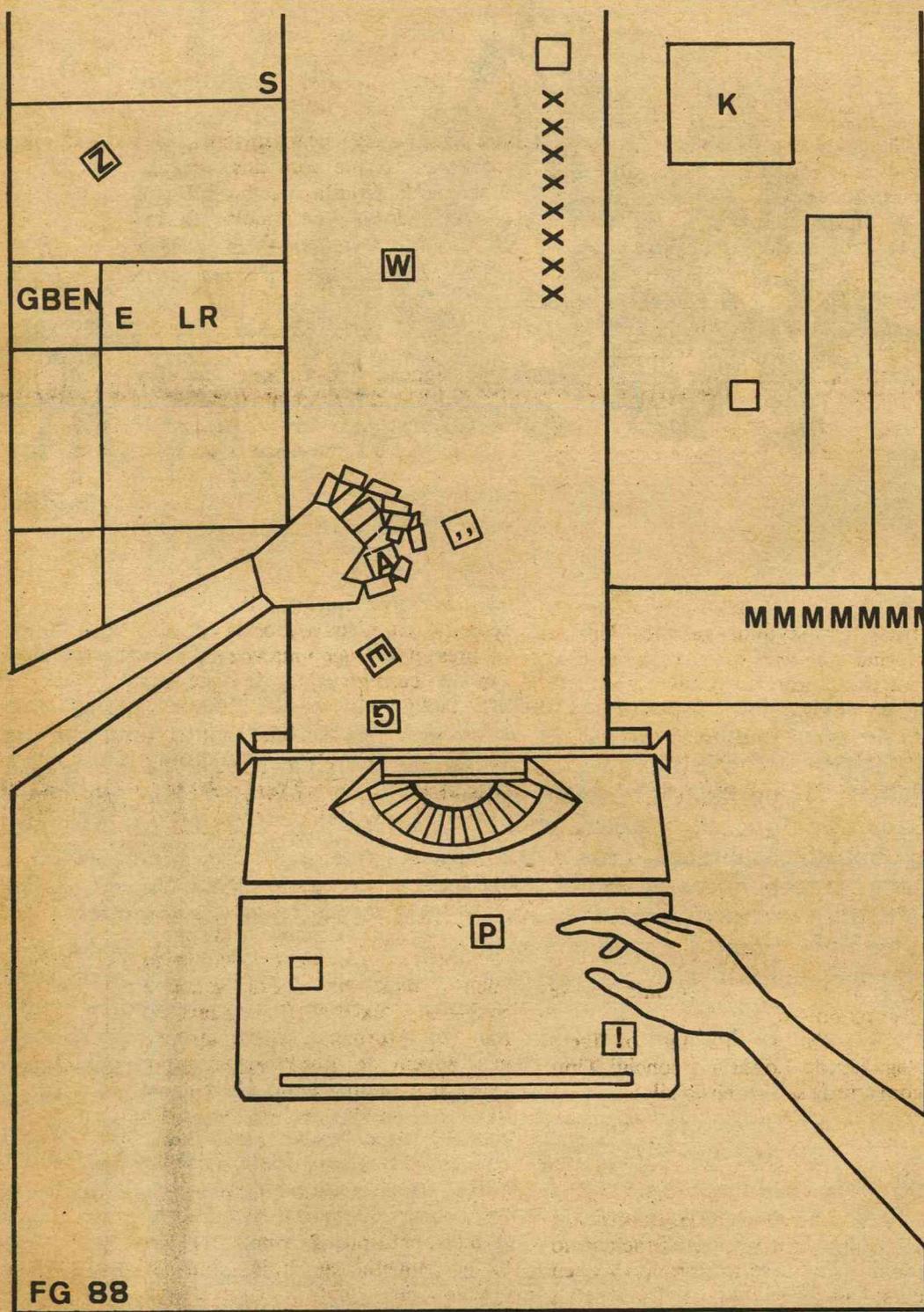


Ilustração de Fernando Gurgel

Mitologia do Desejo Shirleyano

Em seu livro "Conjunções e Disjunções", o poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz observa, a propósito de outro livro de autor mexicano: "A Nueva picardia mexicana de Armando Jiménez é um livro de imaginação; ou melhor, é uma coleção das fantasias e delírios verbais dos mexicanos, um florilégio de suas picardias imaginárias. Todas as flechas, todos os bicos e ferrões do verbo picar, disparados contra um alvo que é, ao mesmo tempo, indizível e indecente. Indizível por ser indecente ou indecente por ser indizível?

Já veremos. Por enquanto, insisto em que se a picardia é imaginária seu objeto não o é. A agressão é simbólica; a realidade agredida, ainda que inominada e inominável, é perfeitamente real. Exatamente por ser 'aquilo de que não se deve falar', todos falam. Só que falam por meio de uma linguagem cifrada ou alegórica".

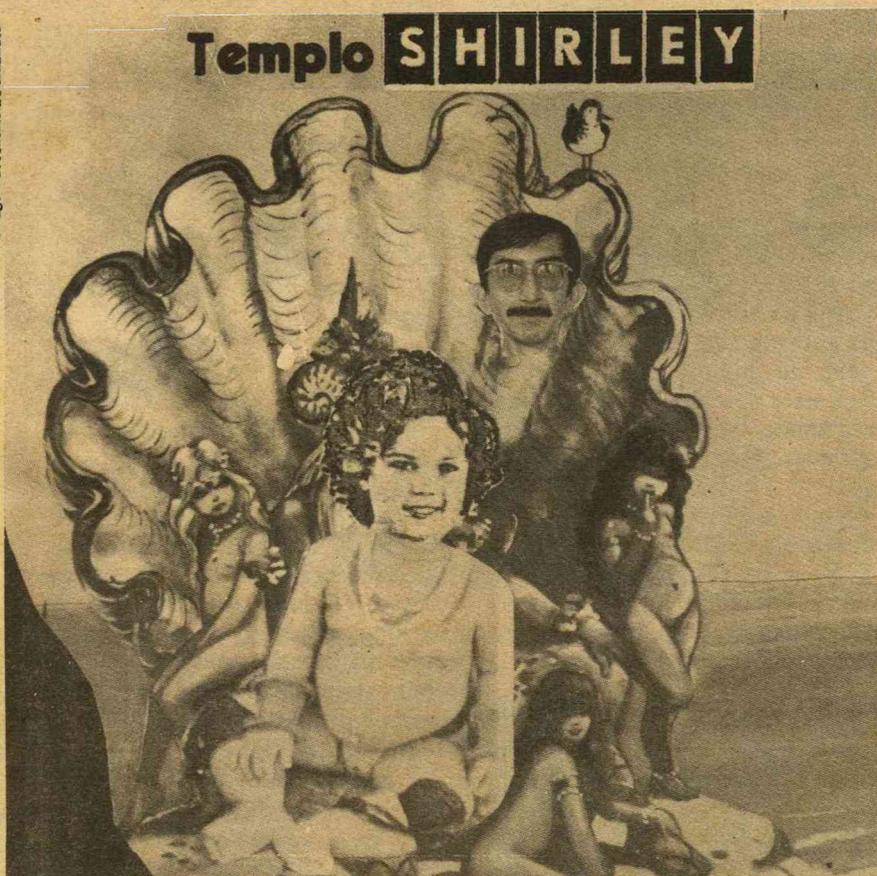
O que Octavio Paz quis dizer, em outras palavras, é que é permitido falar-se, por exemplo, em beleza e sensualidade feminina, mas que é proibido falar-se diretamente da realidade "que está abaixo da cintura e que a roupa encobre", referindo nominalmente "a nossa cara animal, sexual: a bunda e os órgãos genitais".

Estas reflexões de Octavio Paz me vêm agora, a propósito de recente episódio acontecido comigo, em que escrevi um ensaio em duas partes sobre a precocidade sexual das meninas de hoje, tendo publicado a primeira parte em determinado suplemento, e a segunda não tendo sido possível publicar, porque estava "explícita demais"- segundo justificou o editor do suplemento.

Vivemos assim, culturalmente, no Ocidente, em pleno reino das alegorias. Se na Índia os templos religiosos, que são frequentados por crianças, tem estátuas representando o ato sexual em diversas posições, aqui não se pode ser **explícito demais**. E haja formação alegórica e máscaras sociais. Ponha-se, por exemplo, uma Shirley Temple como mito para acariciar o lado pedófilo, que todo homem tem no subconsciente embora a maioria, por machismo, rejeite a idéia ao nível do consciente mas só permitindo imagens suaves, cachinhos na cabeça e rápidos lances de calcinha enquanto a garota cai quando desce uma escada dançando.

A indústria shirleyana dourou os pesados anos 30, anos de guerra, de nazismo, de crueldades colonialistas. Eis que lá pelo primeiro lustro da referida década, aquele empresário cinematográfico encontra naquela escola de dança aquela garotinha

Colagem de Anchieta Fernandes



linda, filha do banqueiro George Temple com a dona de casa Gertrude Temple. Dentre outras 125 candidatas mirins, ele escolhe-a como o novo tipo de estrela hollywoodiana para empolgar as platéias do mundo: estava começando o comércio da imagem da criança, com sua sensualidade apenas sugerida (dentre outros elementos alegóricos, pelo humorismo de querer ser adulta, como numa entrevista publicada pela revista brasileira "A Cena Muda", em 1935, quando Shirley, falando sobre o seu cachorrinho, diz: "Agora vou brincar com o meu cãozinho, que está lambendo meus joelinhos! Já tenho seis anos e ele ainda pensa que sou criança").

Para quem nunca teve a chance de algo mais diretamente envolvente (ah, como foram felizes os marinheiros de Cabral, vendo todas aquelas indiazinhas nuas, com suas vergonhazinhas tão lindamente descobertas, aproximando-se deles com aquele calor e perfume de rios

tropicais!), a era Shirley Temple só pode ser uma saudade perene.

Quem é que não se encantou com o filme "A Mascote do Regimento", onde Shirley dança e sapateia maravilhosamente descendo uma escada com o ator negro Bill Robinson? Quem é que não vibrou vendo ela dançar rumba e cantar "Animal Crackers in my Soup" (Biscoitos em Forma de Animal, na tradução para o português) no filme "A Pequena Órfã"?

E todos que se recordam bem dos filmes dos anos 30 sabem que a imagem Shirley Temple foi uma descida de lava de vulcão, fazendo com que companhias cinematográficas de outros países criassem também suas Shirley Temple, ajeitando penteados em cachinhos em garotas sócias da verdadeira. Inclusive no Brasil, onde a garota-prodígio daqueles primeiros anos da década 30 foi Miryam Chermont, da companhia recifense Marotti-Film.

Extrapolando dos meios cinematográficos, o belo rosto sorridente e rosado de Shirley Temple começou a anunciar produtos: em publicidades, desenhistas de quadrinhos começaram a tomá-la para personificar novas séries em tiras para jornais de todo o mundo, músicas foram feitas em sua homenagem, revistas disputavam fotos dela para botarem na capa.

Os títulos dos filmes dos anos 30 de Shirley Temple eram significativos, ao mesmo tempo uns sugerindo aventura - "Dada em Penhor", "A Pequena Rebelde", "O Anjo do Farol", "Princesinha das Ruas"-, enquanto outros indicavam que ela estava protegida, familiarmente ("A Queridinha da Família"), militarmente ("Capitão Januário") e economicamente ("A Pobre Menina Rica").

De tudo, restou um certo quê de insatisfação em quem queria algo mais. Se hoje, por exemplo, tenho a fixação pela imagem de Shirley Temple criança, é porque quero completar este mito que desejo. Faltou-me uma foto dela totalmente nua. Se ela era aquilo tudo, na alegria do rosto, e no vislumbre passageiro do lance da calcinha na queda escadaria abaixo, que riquezas reservariam à ansia do olhar o resto de sua anatomia. Que corpinho maravilhoso aquele, só contemplado ao sair do banho por apressados maquiadores.

Eu quero vê-la nua. Com a mesma sinceridade com que Armando Jiménez (via Octavio Paz) descobre as picardias mexicanas, ou o outro Jiménez (o espanhol Juan Ramón) fotografada em sua literatura a menina desgredada, riscando com carvão desenhos obscenos nas paredes (V. a crônica "Os histriões", no livro "Platero e Eu"). De resto, esta menina espanhola de Ramón Jiménez foi mais feliz porque foi mais livre, ao passo que Shirley Temple, devido a ter de se auto-reprimir (como tantas meninas, utilizadas hoje em programas de televisão) posando de meia-sensualidade, teve ainda na infância problemas que a levaram a um tratamento psiquiátrico para não terminar neurótica. Porque ser objeto de veicular desejos, sem a possibilidade de vivenciar estes desejos, é barra! O que só leva ao caminho da frustração.

A Shirley Temple de hoje, senhora sem um seio, por força de uma ablação para evitar o crescimento de um câncer, e dedicada a campanhas por políticos conservadores, não é a minha Shirley Temple. A minha Shirley Temple é a que consigo através de uma montagem fotográfica.

Um mestre da repetição

Dalton Trevisan fez sua estreia em livro já há muitos anos. Apareceu com uma novela curtinha, com um título bem romântico, "Sonata ao Luar". Não tinha nenhum atrativo o aspecto material da edição. Papel da pior qualidade, pobre, muito pobre. Cheguei a adquirir volume, ou alguém me deu de presente, não me lembro. Sei que o li, mas não o vejo mais na estante, o que me leva a crer que o passei adiante, desinteressado.

Mas devo dizer que o livrinho, malgrado sua feição gráfica, chamou outras atenções. Os melhores críticos em atividade na época falaram dele. Com entusiasmo nem tanto, nem com espanto, mas falaram. Se ocuparam da obra, o que para começo já contava pontos. Certamente, uma dose de estímulo, que é o que em suma espera todo autor estreado, principalmente se ainda jovem.

Dalton Trevisan era então apenas um jovem à procura dum caminho. Morando em Curitiba e bancário, editava com outros rapazes uma revista, "Joaquim" considerada de vanguarda para a época. O grupo parecia ter futuro, e Dalton Trevisan, talvez mais que os outros, o que provava é que tinha muita cabeça. Atiçando a memória, me lembro de que já então ele escrevia com incrível concisão, economizando palavras como se valessem ouro. Usava um estilo que não agradava, não revolucionava, não inovava. Numa palavra, despretensioso, ou, pior que isso, nada revelador de quem estivesse disposto a ir adiante.

Só que o moço veio vindo.

Geralmente se entende que da novela para o romance o salto é curto. Um pequeno salto para a frente. Para trás, cai-se no conto.

Foi o que preferiu fazer Dalton Trevisan. Fincou-se aí e não saiu mais. Não escreveu mais senão contos, livros atrás de livros. No geral, histórias curtinhas, de caber numa única página. Forçando, até em meia. Personagens, quase sempre pouco mais do que João e Maria, e uma paisagem, ou um mundo só, a cidade de Curitiba, com sua malta de loucos e idiotas, assassinos e estupradores, prostitutas, tarados, bêbados. E João e Maria no meio deles, representando-os, vivendo-lhes os

dramas e tragédias. Não é cansativo?

O curioso é que não. Dalton Trevisan, de tanto investir no repetitivo, acabou virando mestre desta tática. Uma mestre que sabe tirar o máximo de proveito das variações que, com o hábito, mas principalmente com uma carga enormíssima de talento, acabaria aprendendo a fazer em torno dum único tema, o trivial da vida. Uma vida que flui pelas calçadas, pelo asfalto, pelos bairros e bibocas de Curitiba. Tudo parte daí, ou se concentra aí, onde há de tudo e onde há lugar para tudo, menos, é bem de ver, para o humor.

É uma constatação fácil de ser feita nos contos de Dalton Trevisan, a falta de humor. A tônica deles talvez encontre similar, entre nós, no máximo no teatro de Nelson Rodrigues. É sintomático que, dos livros de Trevisan, um se chame "Morte na Praça", outro "O Vampiro de Curitiba", outro mais, "A Faca no Coração". Depois, "Lincha Tarado", "A Trombeta do Anjo Vingador", "Crimes de Paixão", "Desastres do Amor".



Aparentemente tudo na linha do absurdo kafkiano, não é?

Sucede que não. O realismo (se quiserem, o naturalismo) de Dalton Trevisan é sempre muito lógico e nada mágico. Nada que lembre os Ionesco, os Kafka, os Borges, monstros vindos doutras galáxias ou doutros infernos. Na verdade, Dalton Trevisan quase sempre nunca aprofunda suas descrições de tipos, não analisa fundo nenhum caráter, não complica. Fica na superfície, no trivial. Contenta-se com mostrar-nos o que os seus olhos vêem na paisagem do seu universo, a cidade de Curitiba, uma Dublin bem menos misteriosa que a do inalcançável Joyce. Claro, ele faz isso com estilo e muita técnica, que acabariam, com o uso, virando clichês.

O resto é habilidade. Exemplo, o jeito engenhoso com que esses mesmos clichês são trabalhados, de modo a que cada variação sugira realmente uma história diferente, uma composição nova, uma nova criação. Pouco importa que os personagens sejam o mesmo João e a mesma Maria, o mesmo mundo onde vivem, sofrem e, às vezes, terminam morrendo, a cidade de Curitiba.

É a técnica da repetição levada às suas últimas consequências.

Nisso aparentemente está só, na nossa literatura de hoje, o contista Dalton Trevisan. É também, dizem, o escritor mais solitário, mais isolado e mais arredo que temos. Tem, muito mais que qualquer outro, pavor a qualquer sorte de publicidade, a qualquer tipo de entrevista, a toda espécie de repórter. Reservado, não se abre, não se alia a grupos, não se associa a nada. Não se mostra por dentro. Dirá que não tem biografia que merecesse interesse para ser divulgada. Se tem, será para uso pessoal, próprio. Tanto que, talvez para evitar malentendidos, quase sempre prefere compor suas histórias na terceira pessoa. Cópia, aí, a vida dos outros, jamais a própria.

Ninguém, parece, conhece também suas preferências literárias ou leituras prediletas. Contos de mistério? Romances policiais? Não seria, ao contrário, leitor dos grandes ficcionistas, os do naturalismo, principalmente? Alguma influência, no seu estilo, dum Machado, dum Lima Barreto,

dum Marques Rebelo, contistas urbanos, como ele?

Teria já alguém tentado, ao menos com eficiência, essas aproximações? Ou que tal supor o contista Dalton Trevisan um leitor contumaz de jornais? Dá para ver que grande parte das suas histórias coincide com os relatos principalmente das ocorrências policiais que nos dão os jornais diariamente. Caberia no caso, ao escritor, apenas a tarefa de recriar aqueles relatos, sujeitando-os à forma do conto.

Neste sentido suas histórias são exemplares.

"Velhinho trabalhador, bebia demais e ficava aos gritos até hora perdida da noite", é o início duma delas. Noutra se lê: "Irene vinha sendo atormentada pelo cabo corneteiro Euclides". E por aí vão-se multiplicando as variantes, repetindo-se as voltas e os contornos. O contista Dalton Trevisan vem fazendo isso há anos, sozinho, no seu canto. E acabou fazendo-se mestre nessa seara, a da repetição. Com muito estilo.



Uma partida de dados

MANIFESTO

Os dados sobre a mesa

A terra é mais uma proposta experimental do que um objeto tridimensional movendo-se em torno de si próprio e de outros, e a publicação de seu manifesto se insere no propósito da autora de intervir literariamente no processo sócio-político frente à questão da posse do chão brasileiro e de outras questões a ele apensas. Também postula a subversão das coisas e de suas propriedades, baseando-se nas atuais estruturas (e suas funções e/ou disfunções) dessas mesmas coisas. Nesse sentido, o manifesto da terra é digerível em sua indigeribilidade, e responde à miséria da fome, perguntando: Quem é capaz de pôr a fome num parágrafo?

O manifesto da terra resgata ainda uma obra de arte, na medida em que arte, nele, se diferencia da criação pura porque é material e possui funções; e se diferencia igualmente das coisas ordinárias (casa, comida, escola, etc) por que é arte. Trata-se de uma arte que se desliga da arte e dos sistemas representativos da realidade, para debruçar-se sobre essa mesma realidade e, nesta década, que é a década da terra, pautar uma ação para o problema, com o propósito de resolver de uma vez por todas a fixação dos deserdados da terra à terra. Porque, para estes, "terra é pão e pão é liberdade"

O manifesto da terra implica, no entanto, numa dinâmica, anulando toda a estática. Língua e linguagem se retificam e se renovam mutuamente, para dar lugar à teoria e à prática, que, por sua vez, se retificam e se renovam mutuamente, num circuito aberto e reversível, próprio da vida dos deserdados brasileiros. Mais que um conceito, o manifesto da terra é um convite-desafio àqueles que se dizem interessados em solucionar a questão desses homens, devolvendo-lhes o que lhes é de direito.

Certo: compreender esta obra como em processo dialético.

Errado: parar para compreender.

(ARGUMENTO)

Todos os lances

Saúde a todo aquele que participar do **jogo da terra**. Ele é terrestre e vive de terra.

mitologia tem uma significação profunda na consciência individual e coletiva. Por amor às criaturas, somos todos criadores de batalhas, e cada expressão dessa luta tem igualmente uma significação profunda na consciência individual e coletiva.

• Saúde a todo aquele que ao ouvir a primeira palavra falada durante o **jogo da terra** seja arrebatado para o seu mundo e, nele, possa olhar para dentro de si mesmo e então avaliar o próprio aprisionamento. Ele está próximo de sua libertação. A palavra é sagrada. Assim como a ação. O **jogo da terra** se dará através da palavra e da ação. Portanto, o ritual a que obedecerá esse **jogo** será também sagrado. E se processará num tem-

a magia de seus sentidos. Ele é íntimo de sua sensibilidade. É aí que a imaginação passa a ser mais poderosa do que o próprio conhecimento. Porque sem imaginação o pensamento estagna. Mas antes da palavra é o pensamento e é a imaginação, para que a palavra seja. A palavra ação está depois da palavra. A palavra está para a ação assim como a ação está para a vida e a morte.

• Saúde a todo aquele que não tem medo de sua imaginação, porque a sua palavra faz medo. Assim como a sua ação.

• Saúde a todo aquele que participar do **jogo da terra** como jogador. Após o gesto de iniciação, os presentes entrarão em cena. E, através de palavras e obras, habitarão de direito e de fato a nação brasileira. Utilizando o pão e o vinho, crianças e velhos viverão em todo aquele que sente o incenso e a mirra. Ele sabe da morte.

• Saúde a todo aquele que jogar a partida até o seu final. O ritual desse jogo se consumirá também com a palavra e a ação. Em seguida a palavra, será a vez do silêncio, quando então falará para sempre todo aquele que, tendo vivido a morte dos que morreram nesta guerra, voltará a matar e morrer tranquilamente, mas desde que a repercussão deste seu ato seja de libertação. Pois é a consciência do mito que fere o coração do homem. Após o silêncio, será outra vez a vez da palavra, e, aí, também voltará a falar para sempre todo aquele que calou ou foi obrigado a calar. E terminado o **jogo**, tornará a viver em paz todo aquele que, olhando o novo país, olhou a morte interior. Ele é um resurreto.

• Saúde a todo aquele que com a palavra e a ação sarou as suas feridas e não bebe mais o vinho mofado da fome, nem come mais o pão amargo da sede. Ele já pode então olhar-se respeitosamente no espelho. Ele é livre. Ele é livre e vive de vida.

(Repetir os principais lances)

(ESQUEMA)

A última partida

6 pontos

UM

Pare, pense, repense, jogue.

DOIS

Pare, pense, repense, há um prêmio para o vencedor

TRÊS

Pare, pense, repense, pare

QUATRO

O dado está diante de você.

QUINTO

Pare, pense, repense, lance-o.

SEIS

Para tirar tudo do nada basta o um. o lance é dado.

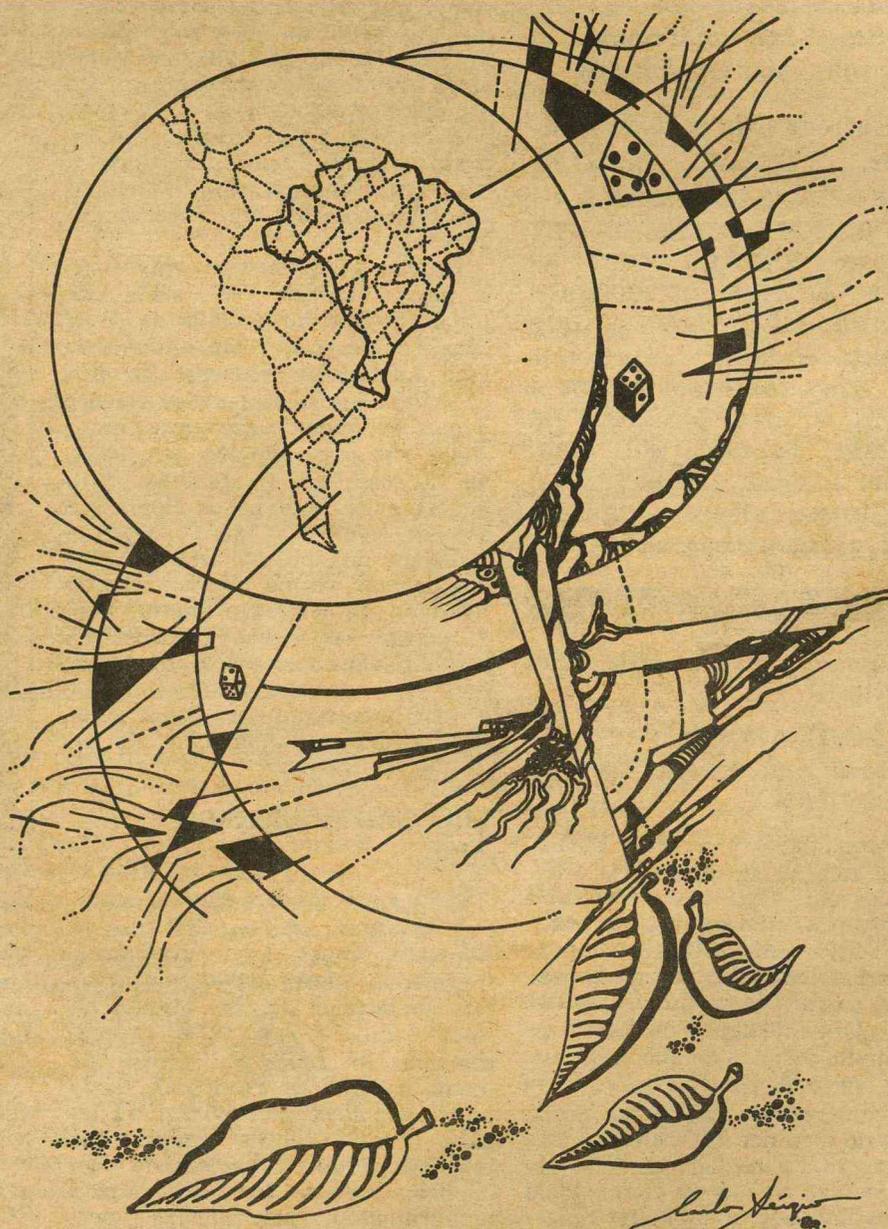


Ilustração de Carlos Sergio

• Saúde a todo aquele que participar de livre e espontânea vontade. A vida estará à disposição de quem transforma tudo em palavras e ação. A palavra ainda continua a ser um mito. E o homem o único ser criador de sinais capazes de nos unir a qualquer outra forma de existência. Por amor à vida, somos todos criadores de mitos, e cada expressão dessa

po e num espaço diversos do tempo e do espaço comuns. A função do **jogo da terra** é transformar o país dos deserdados da terra num lugar sagrado, para que daí se invoquem as forças latentes do inconsciente mítico do homem e o que a sua razão não capta.

• Saúde a todo aquele que celebra

Socorro Trindad, escritora e jornalista. É autora das seguintes obras: *Os olhos do Lixo*, *Cada Cabeça uma Sentença*, *Feminino Feminino*, *Uma Arma para Maria*, *Eu não tenho Palavras...*

Cultura potiguar: eis a questão

Falar em Cultura e Arte no Rio Grande do Norte é uma questão vasta, complexa e polêmica, pois estamos num estado rico que estranhamente é pobre. Cheio de paradoxos. Repleto de parâmetros importados e distantes da realidade que nos rodeia. Cultivar egos e esquecer o primordial - as artes e a cultura - parece ser comum entre os artistas e produtores culturais do RN, queimados de sol, sedentos de vanguardas, rumores e humores.

Somos um estado sem memória. Isso já foi dito por alguns, mas sempre vale a pena insistir. Sabemos muito pouco

da nossa história. Vivenciamos com indiferença o presente. Existe uma imaturidade sobrevoando certas cabeças, às vezes ególatras aos extremos, às vezes submissas em demasia.

Sofremos de crise de identidade. Temos precários espaços físicos destinados a arte. O turismo que aqui explode não se entrosou com os nossos artistas. Precisamos urgentemente resgatar o que foi feito e fazer o que nos cabe. Para tanto colocamos a cultura e arte potiguar na berlinda. Sobre e sob elas, alguns artistas, intelectuais e produtores culturais jogaram setas, elogios e sugestões.

JARBAS MARTINS
Poeta

O Rio Grande do Norte sofre de uma eterna crise de identidade. É uma afirmação tão banal quanto verdadeira. Não nos conhecemos, não procuramos nos conhecer. Não se conhece sequer o trabalho de Luís da Câmara Cascudo, nesse sentido. Fala-se bem ou mal de Cascudo, sem o conhecimento de sua obra. Ela, como toda a nossa literatura e nosso passado artístico, está ausente das discussões e estudos universitários sérios. Há pouquíssimas excessões, o resto é oficialismo, academicismo. Entre os que se propõem a um trabalho de renovação artístico-cultural, há uma atitude de negativismo infantil em relação ao passado. Quando o conhecimento desse passado, através do resgate de sua produção mais viva, seria o correto. Conhecer para exercer a crítica. **Transgredir.** O novo pelo novo, uma atitude equivocada pela qual incursionaram os nossos vanguardistas, deve ser abolida. Não se pode chegar ao novo, sem o conhecimento do passado de forma crítica. Nisto, os vanguardistas, os verzejadores não-acadêmicos, os críticos modernosos, em tudo se assemelham a outro pólo tão ineficaz quanto pernicioso: o

oficialismo e o oportunismo de nossos intelectuais.

ANTÔNIO MARQUES
Marchand e professor do Deptº de Artes da UFRN

Na atualidade, o que me chama mais a atenção no campo das artes plásticas em Natal é sua evolução para padrões estéticos absolutamente universais, cosmopolitas, urbanos. Quero dizer com isso que gradativamente, a arte que se produz no RN (particularmente depois da década de 70) é muito próxima do que surge em outros pontos do planeta.

A compreensão exata do nosso momento histórico me parece muito importante. Na verdade, os meios de comunicação romperam com o ideal e a possibilidade de uma arte tipicamente nacional e/ou regional. Em Natal, isto fica evidente. Tem muita gente jovem pesquisando, produzindo, pintando e reinventando a arte. A produção artística é duplamente surpreendente. Seja do ponto de vista quantitativo ou qualitativo.

Enfim, o que eu quero sublinhar é a existência de uma real efervescência no campo das artes plásticas no RN. Existe, no setor de produção, uma revolução em processo. Que o

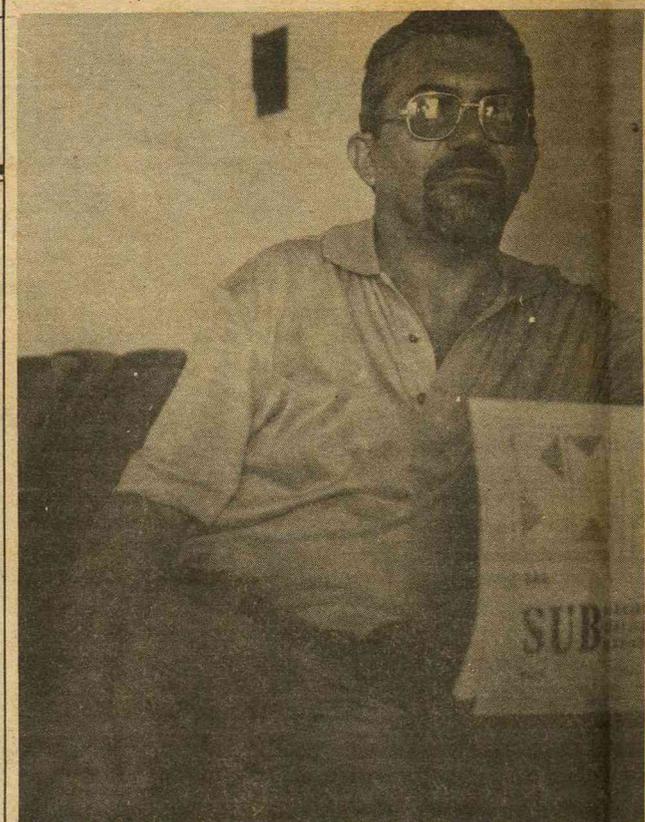
diga Jayr Peny, um dos nomes mais expressivos da nova geração das artes plásticas no estado.

Mas se há uma efervescência no campo da produção artística, o mesmo não pode ser dito em relação ao mercado de arte que em Natal ainda é muito incipiente. Na verdade, o público consumidor de arte, entre nós, ainda é muito restrito. Poucas pessoas encaram a obra de arte como um investimento econômico, além de ser, evidentemente, um investimento cultural.

É bem verdade que entre nós o gosto estético está evoluindo. Como diretor de galeria de arte, constato que existe em andamento uma valorização crescente da arte produzida em Natal, particularmente depois do "boom" turístico que aconteceu com o surgimento dos hotéis na via costeira... Os turistas inteligentes e de bom gosto elogiam e sempre levam nas suas bagagens trabalhos dos nossos artistas. Fico imaginando como será quando tivermos um aeroporto internacional e quando os órgãos responsáveis pelo turismo no estado compreenderem que a arte aqui produzida é mais importante para atrair o turista do que a "importação" de um festival de cinema.

SOCORRO FIGUEIREDO
Atriz

Precisamos intercambiar com outros estados, em especial os do Nordeste. Outra coisa urgente é resgatar os valores artísticos e culturais no interior do Rio Grande do Norte. Em 1973 e 1974, quando tínhamos o **Mollère**, (grupo de teatro da Aliança Francesa), havia um projeto de cooperação com a Fundação José Augusto, sempre que instalava-se uma biblioteca ou algo similar éramos convidados para apresentações patrocinadas pela FJA. Este projeto deveria ser revitalizado. Além de teatro, levar-se-ia dança, pintura, música e tantas outras coisas. A propósito, o grupo **Novem Verde** está com um espetáculo extraordinário montado, "A Tigresa", de Dário Fô, com amplas condições de ser mostrado em qualquer lugar do país. Porque não levá-lo ao interior do estado? E as bandas de música, fenômeno cultural muito constante nos municípios do Rio Grande do Norte? Na cidade



Jarbas Martins

Foto cedida



Antonio Marques

Anchieta Fernandes



Vicente Vitoriano

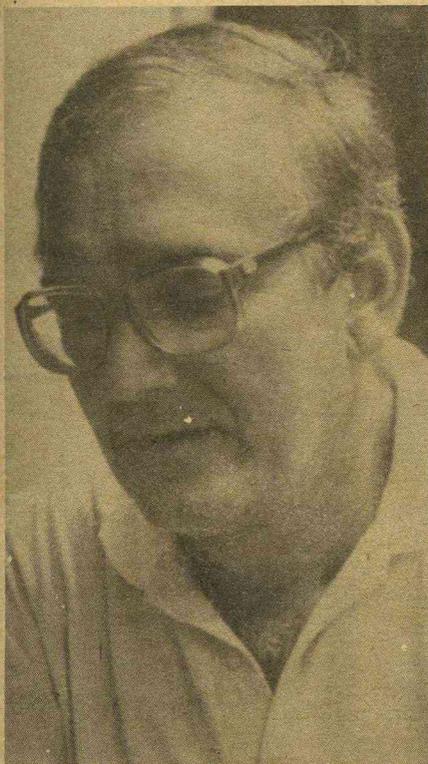
de Luís Gomes existe uma com mais de 20 anos e é composta por agricultores. É emocionante ver aqueles homens que trabalham com instrumentos rudes, como a enxada, tocando um instrumento musical. É algo mágico.

A revitalização do Elenco Permanente do Teatro Alberto Maranhão é outra questão que deve ser revista e analisada. Em 1983, foi criado o grupo, montou-se o espetáculo "O Anjo Negro", e findou nisso. Este grupo revitalizado poderia gratificar o estado com bons espetáculos.

O Circo da Cultura, da Fundação José Augusto, uma paixão avassaladora curtida por mim, na década de 70, precisa ser dinamizado, **sacudido**. Se ele ainda funciona a população mal toma conhecimento e não participa das suas promoções. Isso precisa ser questionado. As falhas e os equívocos devem ser encontrados, porque o Circo da Cultura é um dos



Socorro Figueiredo



Geraldo Queiroz

processo, tropicalismo, Grupo Dés, descoberta da obra sintética poética de José Bezerra Gomes, Falves no Francesinha, envelopes/PROJETO, Arte Correio, Marcos Silva com "Os Gênios" fazendo os primeiros happenings ao apresentar a música "Os Relógios" no Festival do Palácio dos Esportes, Cine Clube Tirol trazendo as obras primas do novo cinema mundial às sessões do Cinema de Arte, surgimento da revista de quadrinhos "Maturi", Grupehq em ação, primeiras exposições de quadrinhos no RN, laboratório de criatividade na UFRN.

Anos 80: livros de medalhões ou não medalhões repetindo esquemas, idealidades religiosas marcando nossa prática literária, o mito Deus sujando nossa liberdade de pensar ("Sempre que há repetição, Deus está lá, o presente guarda-se, reserva-se, isto é, furta-se a si próprio" Jacques Derrida), briguinhas provincianas de ressentimentos individuais, marajás da cultura locupletando-se de cargos para não fazerem nada de novo, a década salvando-se por algumas pesquisas em poetas alternativos (ou já não tão alternativos) e em livros de levantamento documentário (como o livro póstumo de Alexis Gurgel: "Cultura de Massa em Processo"). Mas, queiram ou não os catões das nossas ilhas culturais, esta é uma cidade de vanguarda, por destino e também por escolha: e, entre o ∞ e o 80, entre o tudo e o nada, 88 levanta esperanças, e pode-se vibrar ao ver a Fundação José Augusto promover a idéia pioneira em todo o país do casamento de poesia com artes plásticas em out-doors: (quer dizer: poesia vista em dimensão maior pelo povo).

A partir de coisas assim... A partir de certa dinâmica informacional nos nossos veículos de comunicação (por exemplo: o programa "Linha Direta", do Canal 5, onde o telespectador participa, fazendo perguntas ao entrevistado), a partir do incentivo que se dê a novos laboratórios de criatividade, à pesquisas, à idéias de órgãos jornalísticos alternativos, à criação de Prêmios para idéias de Vanguarda, à edição de livros, à criação de pólos cinematográficos e musicais em Natal... então, 88 será o signo do verdadeiro impulso para uma renovação na cultura do Rio Grande do Norte.

A próxima década finalizará o século e o milênio, e é bom que, a exemplo do filme "2001: Uma Odiséia no Espaço", estejamos preparados para vivenciarmos novas dimensões visuais e novos hábitos culturais, superando mesquinhas, timidez, briguinhas provincianas, fixação em estruturas repetitivas (trovismos, louvações gratuitas a Câmara Cascudo), práticas institucionais ineficazes.

VICENTE VITORIANO

Artista plástico

A produção cultural tende a ser desvalorizada e até inibida quando não é totalmente esquecida se esta produção não tem perspectivas econômicas interessantes para aqueles que a empreendeu ou para aqueles a que cabe sua promoção. A Lei Sarney não conseguiu tirar as sarnas do tempo da ditadura em que a arte, em particular, era sinônimo de subversão política e a distância desta pelos empresários significava a segura simpatia do poder.

Hoje, à parte a crise econômica internacional em que se insere uma caracterizada falência do nosso país, a cultura parece tornar-se cada vez mais coisa que lembra perjerativamente museu ou simplesmente o dispensável num meio onde o pragmatismo torna-se imperioso em função de pretensa estabilidade econômica.

Em Natal, este quadro parece acentuar-se e seu produto cultural é descartado e até mesmo evitado, eu diria, o que desestimula os animadores, os artesãos, os artistas e arte-educadores. Por conta disto, seu trabalho, muitas vezes não sofre avanços quantitativos e muito menos qualitativos. Uma ingenuidade quixotesca ou um cândido otimismo é o que parece alimentar aqueles que ainda se aventuram ao trabalho. Felizmente estes quixotes e cândidos ainda existem. Para a proficuidade desse trabalho cremos necessárias certas estratégias como principalmente a valorização correta da educação artística nas escolas e a abertura da imprensa para a divulgação do trabalho local.

Agora isto, uma participação mais consequente do estado e das empresas particulares ainda não familiarizados com a Lei Sarney. O estado sem um esquema de articulação produtor/empresa e as empresas empenhadas rigorosamente no lucro imediato, sem considerar os benefícios da lei em questão, emperram em muito o desenvolvimento mais notável do setor cultural.

É pena que tamanha leva de turistas que invade Natal saia sem conhecer melhor o trabalho de nossos artistas. A paisagem natural e a comida típica não é tudo no processo de industrialização do turismo.

GERALDO QUEIROZ

Jornalista

Uma reflexão sobre cultura nos remete, dentro de uma concepção que compromete a educação como elemento do mesmo processo, a pelo menos três pontos fundamentais.

Primeiramente, precisamos estar conscientes de que a cultura tem sua origem e desenvolvimento não na esfera do Estado, mas, sim, no âmbito da Sociedade, cabendo ao primeiro a tarefa de estimular o fazer cultural a partir do estabelecimento de uma política de cultura

vinculada a uma política global de desenvolvimento.

Em seguida, precisamos estimular a idéia de que o consumo de bens culturais faz parte da vida do homem e que o consumo do bem cultural de alguma forma relacionado com o nosso desenvolvimento deve constar de nossas preocupações, do nosso modo de vida, do nosso cotidiano.

Finalmente, devemos conhecer, preservar e defender bens e valores que caracterizam a nossa cultura. Numa sociedade de massa como a que vivemos, é de suma importância a tentativa de manter uma identidade cultural própria. Quer seja através da valorização do trabalho de resgate e preservação da memória, quer seja através da criação de novos valores e bens culturais.

Que estes três pontos, acrescidos de tantos outros possíveis de ser levantados como forma de enriquecer o debate sobre cultura, possam de alguma forma direcionar a preocupação de educadores, artistas, pesquisadores, jornalistas, enfim, todos aqueles que têm no trabalho intelectual a razão de ser do seu dia a dia.



RACINE SANTOS

Teatrólogo

Onde está o teatro de Jorge Fernandes e Ivo Filho? E as peças de Sandoval Wanderley? Quem escreveu teatro no século passado ou no início deste entre nós? Onde está o teatro dos que se foram? Ninguém sabe, não há registro, nenhum texto. O que significa uma enorme lacuna no panorama cultural do Rio Grande do Norte. Claro que o teatro existe para ser falado, ser dito, interpretado. Mas sua permanência como obra de arte depende da publicação do texto. E essa prática entre nós tem sido negligenciado, como se o fechar do pano significasse, além do fim do espetáculo, a morte do teatro como um ramo da literatura.

A verdade é que a literatura dramática nunca fez parte de nenhum plano editorial no Rio Grande do Norte. Outra verdade é que essa mentalidade precisa ser mudada. A Universidade, a Fundação José Augusto e as editoras particulares precisam passar a ver teatro não apenas como espectador, sob pena de continuarmos cometendo o crime da negligência com a arte dos gregos, de Shakespeare e de Molière.

veículos para interiorizarmos a arte e a cultura no RN. A população deve ser consultada para essa **dinamização** do circo, pois muitas vezes se investe em atividades que não correspondem aos seus anseios, o que é um erro.

ANCHIETA FERNANDES

Crítico de arte e escritor

Questão dimensional: o ∞ deitado é o símbolo de "Infinito" desde o matemático inglês John Wallis (século XVII) e finaliza o "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa (século XX). O 0 é o "antes de tudo", o ponto de partida, o continente a ser preenchido com conteúdo. 80 nos diz de uma década que morreu de incriatividade, ante a fertilidade exemplar das décadas 60 e 70. Morreu porque em vez de se prosseguir pesquisas ao infinito, procura-se a acomodação simbólica ao deitar que o ∞ sugere. 60/70: poema/

De como se julga um projeto de pesquisa ou da relatividade das opiniões científicas

Αἰθιοπὲς τε θεοὺς σφετέρους σιμοὺς μέλανάς τε
 Ὀρθῆκές τε γλαυκοὺς καὶ πυρροὺς φασι πέλεισθαι.
 ἄλλ' εἰ χεῖρας ἔχον γε βόες θ' ἵπποι τ', ἐθέλοτες
 ἢ γράψαι χεῖρεσσιν ἢ ἔργα τελεῖν ἀπὲρ ἄνδρες,
 ἵπποι μὲν θ' ἵπποισι, βόες δὲ τε βουσὶν ὁμοίας
 καὶ κε θεῶν ιδέας ἔγραφον καὶ σώματ' ἐποίουν
 τοιαῦθ', οἷόν περ καὶ τοὶ δέμας εἶχον ἕκαστοι.
 XENOPHANES.

Quando estudava em Barcelona, mais ou menos em janeiro de 1980, folheando antigos manuscritos de uma biblioteca situada no Campo de L'Arpa - bairro próximo ao hospital de la Santa Creu i Sant Pau, encontrei um documento, para mim, muito interessante e que transcrevo a seguir, conservando, da melhor forma possível, a sua redação original. O interesse despertado por tal documento (manuscrito em catalão, latim erudito e acrescentado de opiniões escritas em grego) se justifica pela atualidade das posturas ou dos comportamentos dos conselheiros das instituições financiadoras de pesquisa científica e que, passados quinhentos anos, ainda conservam a arrogância de indivíduos que se julgam guardiões da verdade revelada para a segurança das instituições seculares ou temporais - tudo isto, conforme as concepções científicas da época. Creio que o seu conteúdo interessa a todos aqueles que se dedicam a pesquisa científica. Parte da análise destes documentos foi publicada na Tribuna do Norte - 14.07.1985. À época foi publicada no Journal of Microbiology uma análise semelhante. Caso contrário, peço desculpas pelo aspecto surrealista da situação. Mas, vamos ler o documento encontrado - para julgar ou não a sua relevância. Devo admitir que tive acesso exclusivo às

atas correspondentes ao julgamento em questão, que não foram traduzidas antes, pelo péssimo estado de conservação dos papéis e pela escrita manual (principalmente o grego) dos senhores conselheiros.

FUNDAÇÃO LEVIATÃ

Ramblas de las Canaletas, 18/4º
 Relatório do Conselho de
 Estudos de Projetos de Pesquisa.

Área de interesse: Cosmografia
 Projeto nº 1 RO 1 PG/001-
 050

Data da reunião: 15 de janeiro
 de 1492

Investigador: CRISTOVÃO
 COLOMBO

Posição atual: Navegador
 Desempregado

Endereço: Calle de Cuenca
 13-15/1º,
 4º, Barcelona, Espanha

Data do pedido de
 financiamento do Projeto:
 07/03/92

Título do Projeto: Um caminho
 alternativo para
 as Índias

Duração: 2 anos. Custo Financeiro:
 4.230.940, Pts

Julgamento: DESAPROVADO

1 — **Resumo:** Este projeto requer recursos financeiros para equipar e operar uma pequena frota de três navios com o propósito de uma

viagem para o ocidente, partindo de Barcelona e contornando os Açores, a fim de encontrar um caminho ocidental para as Índias. Esta proposta está fundamentada no mito antigo de que a terra é redonda - ao contrário de plana - e que, viajando para o ocidente, por uma distância que não foi especificada explicitamente, poderia ser encontrada uma região, que todos sabem, se situa no oriente. Portanto: tal projeto tem uma contradição lógica fundamental.

Além destas premissas, cientificamente insustentáveis, não existe referência sobre qualquer medida de segurança se tal caminho alternativo para as Índias seria melhor do que a rota percorrida atualmente e que, todos sabem, ser rápida e segura e tão direta como permitem a ciência moderna da navegação e a configuração geográfica dos continentes e dos oceanos.

2 — **Descrição do projeto:** O projeto propõe equipar três navios e navegar para o ocidente, contornando os Açores, a fim de encontrar um caminho alternativo para as Índias partindo do pressuposto de que a terra é redonda - conforme uma lenda grega antiga e fundamentada sobre discutíveis experimentos de Eratóstenes - perdidos no incêndio da biblioteca de Alexandria. Nenhuma razão, nesta proposta, existe que

permita escolher uma direção para o oeste em vez da direção para o norte, o nordeste, o sul ou o sudeste ou qualquer outra direção semelhante, de forma logicamente consequente.

A inquietante questão (e de vital importância) no presente projeto, seria aquela da duração da viagem, que distância deveria ser percorrida antes de voltar, bem como, de que modo o retorno seria feito - caso os suprimentos de bordo se acabassem, ou de como os navegantes poderiam se salvar, se a proximidade da borda do mundo for alcançada tais questões, são deixadas à mera imaginação dos conselheiros do grupo de cosmografia desta Instituição de Financiamento de Projetos de Pesquisa. O projeto em si, além disso, suscita problemas de saúde - caso seja bem sucedido - principalmente quanto ao aumento da disponibilidade das especiarias e dos temperos indianos no mercado de Barcelona - se isto poderia ser saudável para a comida ou benéfico para a população da Catalunha.

3 — **Crítica:** O propósito de tal projeto é absolutamente desprovido de qualquer mérito. Ele está baseado na crença compulsivamente fixa do seu responsável e na insuportável idéia de que a terra é redonda, a despeito das evidências disponíveis e bem estabelecidas, conforme os trabalhos científicos dos professores doutores do nosso país e de notórias

autoridades em cosmologia e geografia - reconhecidos, todos, internacionalmente. Além de tantas premissas falsas, do ponto de vista básico, o propósito de tal projeto é, no entanto, extremamente pobre quanto ao planejamento - de forma a ser inaceitável. Por exemplo: nenhum argumento foi apresentado para determinar com precisão a distância a ser navegada na direção do ocidente antes do retorno (se possível) e, se o mar ocidental é ilimitado - como já foi postulado por inúmeros cosmógrafos-; todavia acrescentamos que, sequer, qualquer planejamento foi elaborado com antecedência se os navegantes, desejosos de salvarem as suas vidas, possam efetivamente fazê-lo, quando a borda do mundo for alcançada. Estes importantes pontos de vista quanto à segurança da tripulação interfere na liberação dos recursos para esta pesquisa científica que, jamais, deverá exceder aqueles limites de risco, haja vista os perigos que poderiam ocorrer ao navegador e seus assistentes - computados os prejuízos financeiros.

As necessidades descritas no projeto, quanto aos aspectos sanitários, parecem ter sido incluídas no texto com o objetivo maior de impressionar afetivamente os conselheiros desta comissão, do que, objetivamente, descrever as intenções ocultas do pesquisador. Até o momento atual, jamais ficou estabelecido que os alimentos possam ser preservados com a utilização de temperos ou especiarias no seu processo de cozimento. Este problema, contudo, nos parece ser, primitivamente, de índole cultural, estética ou gastronômica - sem qualquer relação com a preservação da saúde coletiva.

4 — Do pesquisador, das facilidades e do financiamento: O investigador em questão se diz ser razoavelmente competente em navegação, porém, deve ser seriamente questionada a sua competência em planejar ou conduzir qualquer expedição científica. O Curriculum Vitae apresentado não indica a sua capacitação ou treinamento com Doutores de notório saber de qualquer universidade ou "Studia generalis" ou ainda: nenhuma recomendação nos foi fornecida pelos escolásticos.

Os recursos pretendidos, talvez, sejam adequados para os fins da expedição. No entanto, o seu projeto não apresenta qualquer argumento racional concernente àquela necessidade de três navios - em vez de apenas um - ou, de quantos e de que natureza poderiam ser os equipamentos científicos necessários, se é que algum deveria ser utilizado nesta aventura. Da mesma forma,

questões de extrema importância poderiam, ainda, ser levantadas - dado ao valor econômico dos recursos necessários ao projeto.

Tais recursos, ademais, parecem ser excessivos. E recomendamos, finalmente, que o navegador volte a estudar outra expedição mais planejada ou que seja considerada mais racional quanto ao cronograma dos tempos, atividades e das finalidades, dos custos e do desembolso dos recursos disponíveis. Aconselhamos, outrossim, que o autor do projeto consulte os Professores Doutores da Universidade de Saragoça a fim de obter um reconhecimento prévio para as suas pretensões.

5 — Sugestão: Como opção, recomendamos que seria de grande utilidade para o projeto a opinião dos Professores Doutores da Universidade de Palermo, na Itália, ou da região de origem do seu fiador imediato e nascido em Florença, do banqueiro Amerigo Vespucci, que atualmente dirige a firma de Lorenzo e Giovanni de Pier Francisco de Médici, cujo gerente, Giannotto Berardi, está interessado no financiamento e equipagem de navios. Amerigo Vespucci alimenta a sandice de estabelecer-se em Sevilha, com um entreposto comercial

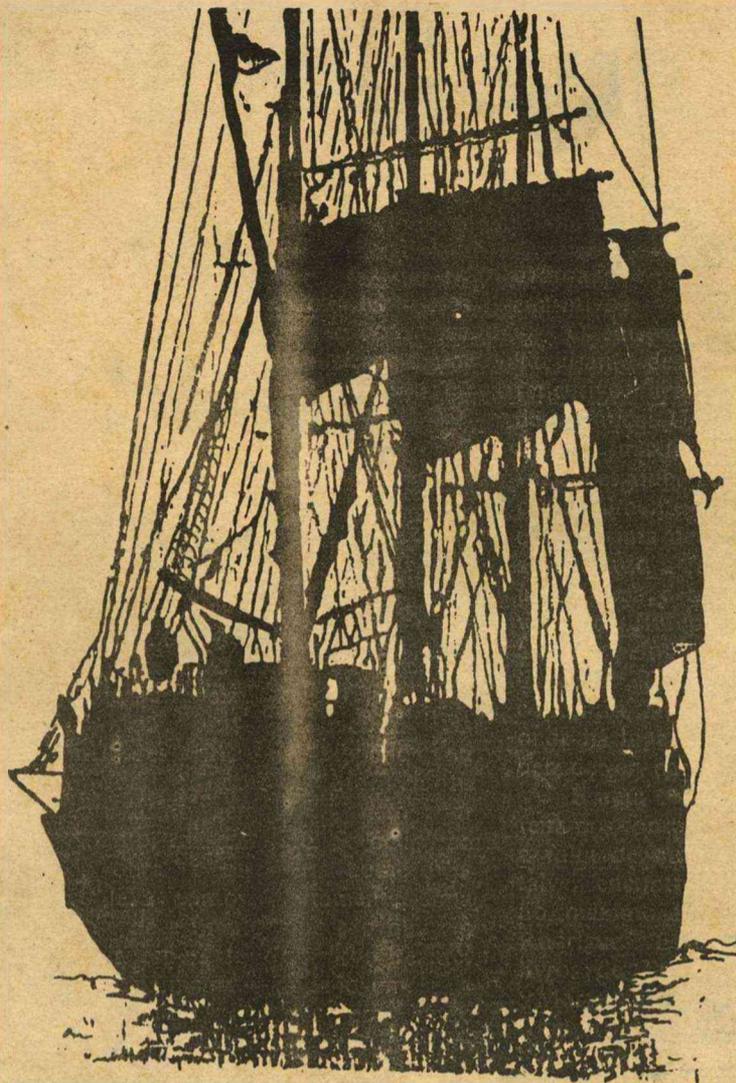


Ilustração de Gilberto Alves

denominado "Casa de Contratacion de las Índias" e que, na falta de qualquer fundamento científico para o presente projeto, quem sabe, talvez ele encontre alguma ressonância nas instituições privadas.

6 — Ressalva: Entretanto, como esta Fundação é uma instituição oficial, o presente projeto deverá ser desaprovado sumariamente, levando em consideração que as suas hipóteses contradizem as verdades científicas já estabelecidas e que são o suporte do Estado, da integridade da

Coroa ou da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Tendo em vista a desordem potencial que o presente projeto pode acarretar se for revelado ao conhecimento do povo, pois está fundamentado sobre idéias pagãs, recomendamos, com todo rigor, que este parecer obtenha o selo de documento secreto e que seja remetido, apenas, para o conhecimento da Presidência da Fundação.

Barcelona, sala de reuniões "Claudius Ptolemaeus" e no ano da graça de 1492. Ecclesiasticum Erasmus Cornelius Secundus - Presidente do Conselho.

Segundo os documentos, D. João II, Rei de Portugal, sempre negou a frota solicitada pelo referido pesquisador. Somente com a interferência e autoridade - e também o prestígio-, de Martín Alonso Pinzón e do seu irmão Vicente Yanêz Pinzón, foi armada uma tripulação de 88 homens e 3 caravelas. Anexo à ata anterior estava, também, um parecer dos frades da Rábida (dado pelos monges Pérez e Marchena) que, sem dúvida, teve muita importância na solução do problema junto aos Reis Fernando e Isabel de Espanha.

O Rei de Portugal não aceitou financiar esta pesquisa porque já estava desenvolvendo outra com a mesma finalidade e, secretamente, já estava aparelhando na Escola de Sagres a expedição de D. Pedro Álvares Cabral, tendo como navegador Vasco da Gama...

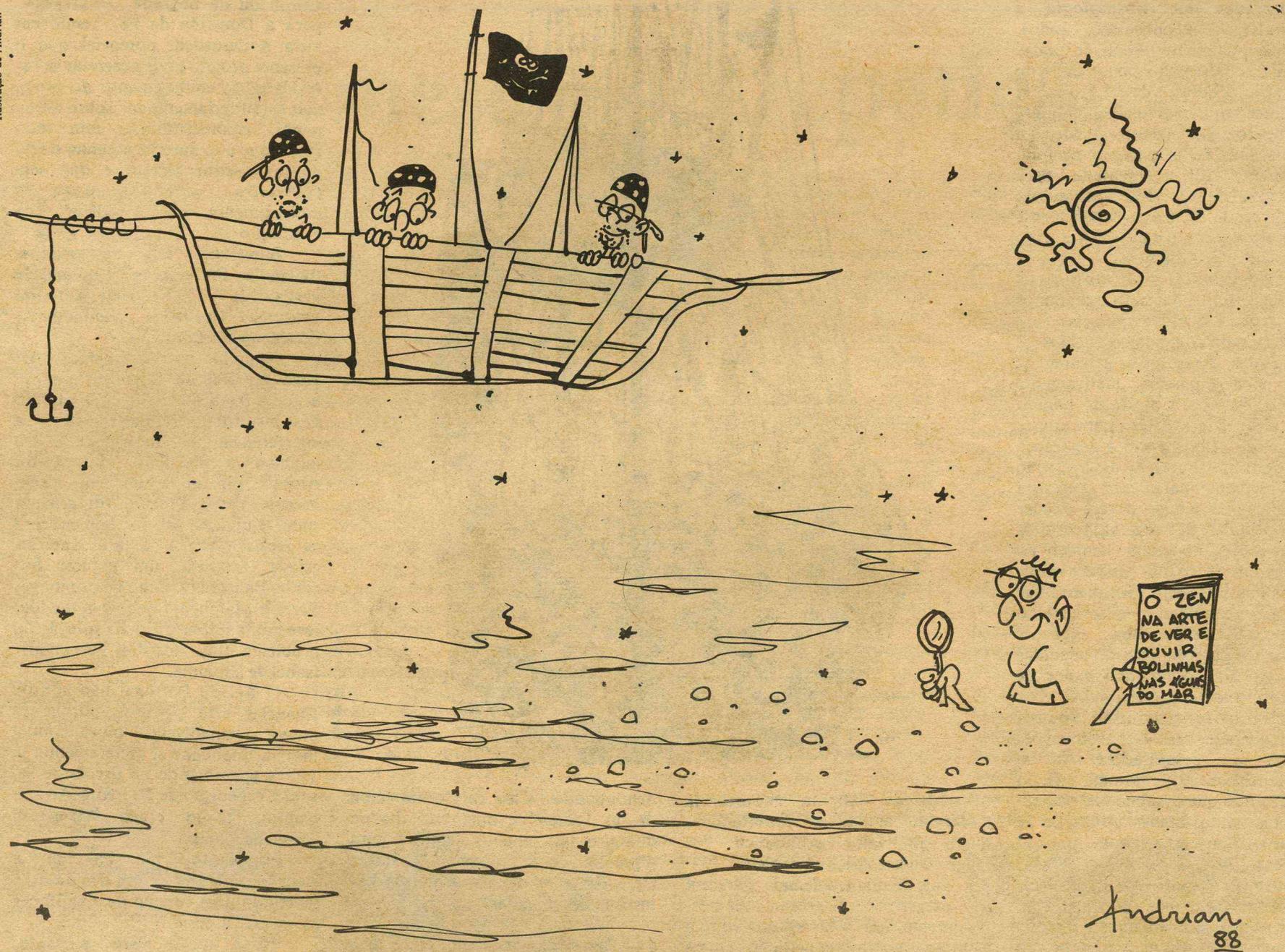
Entretanto, me chamou a atenção o parecer de um dos monges repetindo uma citação de Xenófanes (570—528 a.c.):

"E o que é claro, portanto, nenhum homem viu, nem haverá alguém que conheça sobre os deuses e acerca de tudo que digo; pois, ainda que no máximo acontecesse dizer o que é perfeito, ele próprio não saberia; a respeito de tudo, existe uma opinião".

Αἰθίοπες τε θεοὺς σφετέρους σιμοὺς μέλανάς τε
 Ὀρθῆκές τε γλαυκοὺς καὶ πυρροὺς φασὶ πέλεσθαι,
 ἀλλ' εἰ χεῖρας ἔχον γε βόες θ' ἵπποι τ', ἐθέλο' ἴτε
 ἢ γράψαι χεῖρεσσιν ἢ ἔργα τελεῖν ἄπερ ἄνδρες,
 ἵπποι μὲν θ' ἵπποισι, βόες δέ τε βοσῶν ὁμοίως
 καὶ κε θεῶν ἰδέας ἔγραψον καὶ σώματ' ἐποίησαν
 τοιαῦθ', οἷόν περ καὶ τοὶ δέμας εἶχον ἕκαστοι.

XENOPHANES.

Ilustração de Andrian



Piratas sob o sol

Nas areias quentes das dunas não encontro nenhum oásis. Como também não encontro nenhuma ilha neste litotal absurdamente magnífico. Muito menos há barcos salva-vidas neste rio índio. Esta terra não é propícia para naufrágios, mas aloja a todos que surgem em sua costa. Os sobreviventes são muitos nestas ruas de paralelepípedos. Natal acolhe os naufragos sem nada perguntar sobre sua procedência. É uma cidade de piratas. Com corsários vindos de vários portos e absorvidos por suas ruas de vários estilos.

Aqui lhes é dado o direito de viver tranquilamente. Só não é permitido resgatar acidentes, sob pena de tudo voltar a acontecer. Um naufrágio em Natal é mortal. Depois dessas

praias não há outras. Saiba pressentir o perigo. O mar daqui é de esmeraldas, não há tubarões, mas não perdoa. O seu mais cruel carrasco é o Deus Sol que a tudo testemunha. Ele paira sobre a sua consciência como uma lança, ao menor deslize o golpe fatal é desfechado. Um golpe na consciência não mata, faz pior, acompanha torturando até o seu último dia.

Um sobrevivente se sente só nessa condição. Não é capaz de reconhecer um companheiro. Ninguém fala nesse assunto e os naufragos se misturam aos natalenses sem serem identificados. É uma conjunção única para um recomeço. Águas quentes em suas praias para quem afundava na lama. Não há passado funesto. Sentir que não houve horas desperdiçadas é a maior dádiva que essa terra oferece.

Felipe Varela, 21 anos, poeta,
estudante de Comunicação
Social da UFRN.

O outro dia, por acaso, eu estava na redação batendo um papo com Amaral quando entrou de chofre o Tim, corpanzil balançando, cabeça inclinada para a esquerda:

— Acabo de chegar do Colônia. Vejam isto antes de ser copidescado.

“Louco furioso vê companheiro de quarto transformado em gigantesco Porco Espinho e o liquida a pauladas”.

— Puxa, Amaral. Esse é o tipo de reportagem que não devia sair.

— Mas, João Matia, se a gente não publicar, os outros a publicam. Dá no mesmo. Depois é até bom que o jornal chame a atenção do público e aponte os responsáveis. Vamos ao cafezinho?

Amaral me oferece um suerdieck (só fumo quando me dão) e sobe para o seu gabinete. Volto para o birô onde tenho que datilografar e passar a limpo a crônica do próximo domingo. Amenidades. Em minha mente a imagem (obsessiva) do Porco Espinho, enorme, morto a pauladas. Não entendo porque, de permeio, me vem a lembrança daquela dedicatória: “Para João Matia, meu leitor e crítico, afetuosamente Vê-Vê”. Hm? Tim vai balançando o corpanzil para o setor de reportagens. Um Colônia imenso, este mundo. Dragões, girídes, vampirões. A possessa Quirina. Francisca, a colega de quarto, era o Exu Cabeludo. Outro crime. A página mais lida dos jornais. Coluna social, futebol. E os horóscopos? E quantos leitores temos eu e o Piero? (Pi para os íntimos).

— Se tiver trinta, dê-se por satisfeito, diz ele.

Vão ver agora a quantidade de pessoas que lêem horóscopos. Dia favorável aos eflúvios amorosos. Ih. Todo eflúvio brando e ardente no tenro peito resumes: sopra o vento levemente e correm os teus perfumes. Poesia tem vez hoje? Hm? Uma espécie em extinção? Todavia. Poesia marginal. Nada de novo sob o sol./ Desde os tempos de antanho do vagamundo Villon. A balada dos enforcados? Mais de um na corda pendurado, e a carne que gozou foi devorada, podre, dia a dia, e as ossadas em pó se mudarão. Hm? Não fales mal do teu rei. Um passarinho pode escutar a tua voz e as aves do céu espalharão as tuas palavras. Mais ou menos isto que os monges liam (e ainda lêem) para os condenados, na hora última. “Toda prisão que os homens erguem, com grades para o Cristo não ver como o Homem mutila seu irmão”. Sim. Sim. O Cárcere de Reading. Quando alguém sussura atrás de mim: “Aquele homem vai ser enforcado”. E: “Mas

As Orelhas do Rei

nunca homem vi que contemplasse tão ansioso a luz do sol”. Hm. Os muros altos, as grades. Cristo passando ao largo, e o Irmão mutilando aos poucos o próprio irmão. Caim e Abel. No princípio era o Verbo. Esfacelaram a cabeça do Porco Espinho. Olha o Exu Cabeludo! Olha o Exu Cabeludo! As Quirinas da vida não sabem o que fazem. Perdão para elas, Senhor. Não. Não. A menina foi violentada e morta. Manchete de primeira página. A notícia certa para o leitor certo. É assim que se faz um jornal. “No coração da Metrópole Hibernia”, Miolos de idéias por miolos de pão. Falar em pão, não vou almoçar em casa. Combinei com o Pi para tomar um vinho com aquele porquinho assado do Luís. Delícia.

Agora sim, lá vem o chato daquele mendigo me aporrinhar. Até gosto de lhe dar uma esmola e bater um papo com ele, mas hoje não estou a fim. Não estou mesmo. O inglês (ah, meu professor Erastro) é que tem uma palavra bonita para isso: spleen. Me lembra agora aquele negro velho que ia deixar toda sexta-feira carne de carneiro ou de bode em casa de minha avó: Menino, eu hoje amanheci maracafento. Hm?

— Perdoe, velho.

Hm? Este “perdoe”. Lacônico demais? Seco? O velho notou. Suscetibilidades. Minha ama, então... Que diacho? É um poeta, além de mendigo? Lá vai ele resmungão, sacola suja às costas, passos lentos. Caminha, como ele mesmo costuma dizer, para lugar nenhum. Diacho. Podia lhe ter dado uma dessas notinhas de dez (novinhas em folha) que tenho na carteira. Ia me fazer falta? Nada. Uma só não ia me deixar mais pobre do que sou. Ia? Condição humana. Daqui a pouco vou me empaturrar de vinho, enquanto vai ele arrastando os pés pela rua afora, ao Deus dará. Mesquinhez ou estupidez? Ah, a condição humana.

— Estás estribado, hem? Vais com o Piero ao restaurante do Luís, já soube.

— É isso. Um dia é da caça e o

outro, do caçador. Aquele meu projeto foi aceito e a firma me adiantou 50% do tutu.

Tim balança o corpanzil e me olha com uma expressão de quem indaga: “e o restante quando é que eles vão te pegar?”.

Nisto chega Pi (já estava passando da hora), pára o carro e me apanha. Entro no carro e aí convido também o Tim para vir conosco. Durante o trajeto, sentado no banco traseiro não dá uma palavra até o centro da cidade. Na certa vinha ele preocupado com o meu projeto e o restante dos 50%. Tim é assim mesmo: alma imensa, tamanho do seu corpanzil, e que cuida mais dos problemas alheios que dos seus próprios.

O Forestier estava no ponto. Conversa a três. Minutos depois Luís nos serve o lombinho de porco com fritas. Na segunda garrafa, Tim se desinibe de vez (o seu vozeirão chama a atenção de todo mundo no restaurante) e entra firme no papo. Mas o melhor de tudo (fora o vinho, é claro) ainda eram as ironias do Pi, aquele seu arzinho zombeteiro, brincalhão, acompanhado de um risozinho malicioso. O vinho nos deixava cada vez mais eufórico e somente na hora em que Luís nos apresenta a “dolorosa” é que o nosso entusiasmo se arrefece.

— Bom - segreda Pi -, a gente só poderá vir aqui na próxima vez se tirar na Loteca.

— Ou se assaltar o Trem Pagador de Londres - conclui Tim, com aquele seu vozeirão hilariante.

De Luís, Pi me deixa no escritório. Eram mais de duas horas da tarde. Às cinco, eu tinha de ir ao gabinete do Prefeito: o caso de Rena (minha cunhada). Essa história de que uma pessoa é funcionário público e de que no término de seu curso superior tem direito a uma promoção em sua carreira profissional é balela, e das boas. Aí está Rena. Mais de dois anos, canudinho de Letras bem guardado no fundo da gaveta e até agora, necas. O mesmo quadro de antes, não sei quantos requerimentos e o canudinho mofando, aguardando as

traças, lá no gavetão. Agora, se o cara pertence à ENTOURAGE do Rei, aí a coisa muda de aspecto e a conversa é outra. Mas lá em casa não há cortesões, áulicos de espécie alguma, enfim, só e apenas um bando de fodidos. E foi somente graças à atuação de um edil, meu amigo de copo (não vou lhe declinar o nome para não passar por bisbilhoteiro), que consegui esta audiência de hoje, 17 horas, com o Digníssimo. Mas que essa história de audiência é um saco, isso é.

Encostei a porta do escritório e abri metade da janela. Uma aragem suave dessas que vêm do sul da cidade, das praias, invade o escritório e uma íntima sensação de bem-estar toma conta de mim. Na poltrona, cabeça meio pesada ainda do Forestier, me vêm uns cochilos. Bocejo. Na carteira as cédulas. Podia lhe ter dado uma de esmola. Porra. A aragem sopra mais forte em meu rosto e o vinho começa a me tolher as idéias. Adormeço, e o sonho aos poucos vai se transformando em pesadelos. O vinho me havia embriagado? Quantas garrafas foram? Hm... Le temps a fui touf est fini.

Primeiro Rana desnuda os seios da monitora diante das crianças e começa a mordê-los. Nabel está reclinada no sofá, me vê, faz-me um gesto obsceno e me sorri maliciosamente. Faço um esforço (horrível) para despertar e gritar para eles que respeitassem pelos menos as crianças ali presentes. Ouço uma voz estranha que não consigo atinar de onde vem me pedindo uma esmola. Uma borboleta amarela, enorme, pousa-me no rosto e com um gesto brusco da mão direita consigo afastá-la. Desperto. Esfrego os olhos e tudo continua calmo, como antes. A aragem suave e a sensação de bem-estar aumentam. As pálpebras pesadas ainda. A cabeça...

Minutos depois, sem saber como, me vejo levado para um salão imenso onde há muita gente a conversar baixinho. É ante-sala do Rei, me informam. Súbito aparece uma jovem de olhos esgazeados e fazendo o mesmo gesto obsceno de Nabel para todos, avisa que o Rei mandou suspender todas as audiências. Um riso frouxo correu por todo o salão e só se ouvia o murmurar dos áulicos, principalmente de um anão zarolho próximo a mim: “O Rei Midas amanheceu hoje com as orelhas de burro”. Aí Alegria balançava o galho da árvore e as moedas caíam transformadas em ouro.

Quando dei por mim e acordei já eram quase 18 horas. Minha audiência com o Prefeito marcada para as 17 (sobre o caso de Rena), mas uma vez o vinho levou.

Gregório de Matos, a poesia do deslocado

Tentaremos com este trabalho, fazer uma releitura da poesia de Gregório de Matos, mestre barroco baiano, espantando os preconceitos descabidos e incabíveis que persistem até hoje, inclusive, na leitura daqueles que se supõem modernos, mas não sabem olhar o moderno no passado, através de uma lente que amplia a visão (da poesia intrínseca) e desmitifica o equivocado conceito de tempo, no que se trata de literatura. Esse olhar reprovador e desinformado, que não vê nada além do falso chão real observado pelo positivismo da nossa historiografia literária, ainda acusa e recusa a poesia gregoriana, vendo-a limitada a um conceito de época que o poeta junto ao espírito inquieto do Barroco, manda às favas.

Sabemos que o nosso Barroco já nasce, em sua "não infância" (1), anti-historicista e com um discurso poético altamente descentralizado. Historicamente falando, podemos situá-lo, por intermédio do conceito geral que o analisa do ponto de vista dualista, de "estado de tensão e conflito", (2) como uma grande tentativa de harmonizar os contrários, pólos opostos, inconciliáveis, que eram o espírito cristão e o secular, ou seja, a fé e a razão.

O nosso poeta Gregório de Matos, surge sob o signo de uma malignidade, que ele incorpora de forma muito original, exatamente por ser o seu trabalho de poeta, feito com base no apanhado do repertório comum da sociedade da Colônia. Gregório rompe com a linguagem do Barroco oficial, ao investir com a sua sátira biliosa, transgredindo a norma limitadora da criação, maniqueísta, que restringe-o a duas facetas: o culteranismo e o conceptismo. O poeta se faz um crítico, operando com afinco metalinguístico, quando através de sua (melhor) vertente, o barroco-popular (V. Augusto de Campos), onde o sátiro se faz mais venenoso, porque leitor-receptor dos signos populares (a fala do povo, p. exemplo) põe e recria o *contexto no texto*. Isso trabalhado com "engenho", o que faz com que o seu texto ganhe, qualitativamente, em termos de linguagem (diga-se poesia), pois como *fabbro* (no sentido poundiano, via Dante, ao referir-se aos provençais), ele não se perde em significados, mas elabora e cria uma poesia que valoriza, de forma

magistral, o significante enquanto procedimento artístico.

O percurso de seu exílio, a viagem empreendida como um pária ou desterrado, se faz na pátria da linguagem ou *mátria* no dizer de outro baiano, o cantor Caetano Veloso. É aí que Gregório se exila e se encontra. Lemos em Araripe Júnior que "pisar nas areias de sua terra foi o mesmo que libertar-se, desintoxicar-se e restituir a si o gênio perdido em Portugal. Gregório de Matos, portanto, evadindo-se do meio onde se achava, salvou o melhor poeta satírico das Américas".

apenas em 1850 que Varnhagen em seu "Florilégio da Poesia Brasileira" vai, pelo menos, imprimir parte considerável de sua poesia, escrita há uns duzentos anos antes, como nos lembra muito bem Augusto de Campos.

Poeta e poesia deslocados. Seria isso um fato paradoxal em sua vida-obra? Já que o poeta satiriza em praça pública? O que se pode sentir é que Gregório, naturalmente, não teve receptores à sua altura enquanto escrevia. Daí as acusações de plágio já no seu próprio tempo. É bom acrescentarmos o que diz o poeta Ezra

repertório suficiente, possa também devorá-lo. O poeta deslocava-se da norma concepto-culteranista e mergulhava na língua-linguagem do povo, aproveitando os clichês, lugares comuns, o coloquial-irônico falado na praça. Diante disso, como falar de um poeta deslocado? É que Gregório via e sentia essa realidade (nele tão bem realizada como texto poético) de um momento no Brasil que passava despercebido por todos. Daí a sua crítica, poderosamente, satírica. Gregório Antena da Raça. Diz muito bem o José Miguel Wisnik que "o poeta culto se vê num meio iletrado; a literatura, sufocada nos auditórios - de igreja, academia, comemoração - praticada por sacerdotes, juristas, administradores, realiza a apologia subjacente de um *status quo* que soa, como se vê, incômodo para Gregório de Matos". (6). Podemos dizer que a sátira é o mundo do poeta. Sua sátira-pátria. Ele mesmo diz, como nos lembra Araripe Júnior (7):

*Noutras obras de talento
Só eu sou o asneirão
Mas, sendo sátira, então
Só eu tenho entendimento.*

A sátira gregoriana, seu veneno poético, tinha suas máscaras. Isso levou os críticos historicistas a classificarem sua obra em diversas modalidades: poesia sacra, lírica, joco-séria, encomiástica e, ainda por cima, a satírica.

O seu caráter admiravelmente bilioso, se incrustava pelos interstícios do texto, deixando a sua marca intransferível. Pois "diante da contração satírica tudo se cedia, tudo se desfazia, tudo se esbandalhava, e à boca vinha o volvo excrementício que o poeta vomitava colérico-risonho, saboreando em um infernal prazer, o horror contumelioso dos pobres padres assustados de tanta acrimônia e imodéstia" (8). Esse *colérico-risonho* de que nos fala Araripe Júnior é com toda certeza o *riso com siso* do Barroco, na leitura poética de Francisco Ivan. Essa bÍlis violenta se encontra também no "Drama Barroco Alemão": "A patologia dos humores via a causa dessas características no excesso do elemento seco e grio, dentro do organismo. Esse elemento era a bÍlis negra (...) O sangue grosso e seco que flui nesse órgão e nele se torna dominante, inibe o riso e provoca a hipocondria". (9). Walter Benjamin

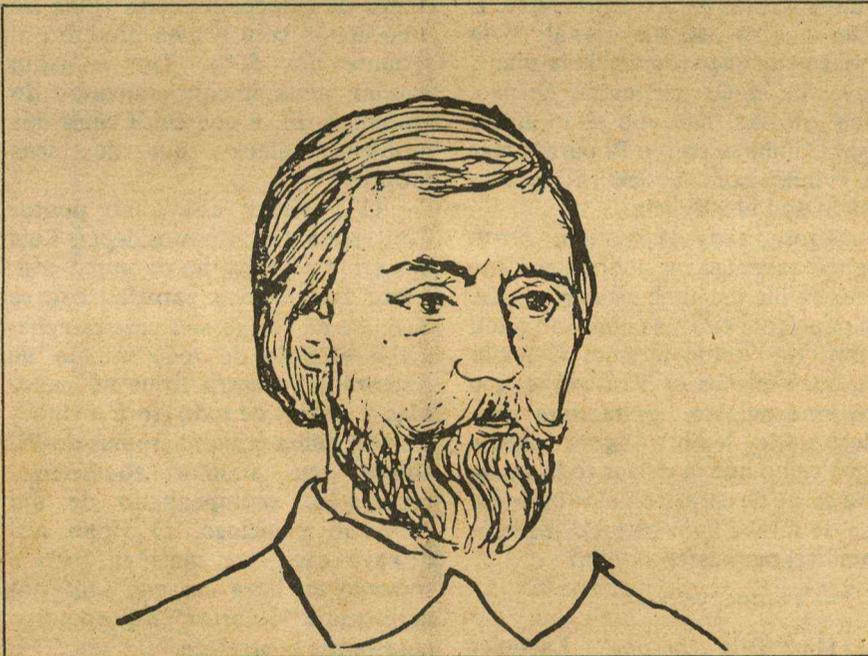


Foto "Agência Estado"/Abril

(3). O crítico refere-se assim ao poeta, pelo fato dele já estar entediado com aquele contexto luso, o qual ele já tinha gozado tanto com a sua famosa "alma maligna" e o seu "caráter rancoroso". Seu "escárnio" já estava farto dos escândalos que não toleravam e não conviviam com a verve demoníaca desse barroco primoroso. No entanto, o que nos importa saber é que a sua sátira é rica em qualquer contexto. Seu texto versa sobre tudo e em todo lugar que passe, seja em terras lusas, africanas ou brasileiras. O seu olho é cruel e, por isso, sua poesia agride. Sua boca manda mesmo tudo para o inferno.

O vasto mundo viajado pelo poeta, é bom que se diga, tem agora uma mais acurada recepção. O exílio de sua poesia se deu, curiosamente, durante muito tempo. Pois, será

Pound; "há uma qualidade que une todos os grandes escritores: escolas e colégios são dispensáveis para que eles permaneçam vivos para sempre. Tirem-nos do currículo, lancem-nos à poeira das bibliotecas, não importa. Chegará um dia em que um leitor casual, não subvencionado nem corrompido, os desenterrará e os trará de novo à tona, sem pedir favores a ninguém". (4). Certamente que o nosso poeta se encontra entre esses escritores e é com esse faro, que se tem trazido o mesmo à baila.

Gregório de Matos, o nosso "primeiro antropófago experimental" (5), que comeu toda a poesia que se lia em sua época, numa tradição que passa de Petrarca-Camões a Gôngora-Quevedo, necessita hoje, cada vez mais de leituras criativas, que enveredem por uma recepção onde o leitor, de

refere-se a um *humor melancholicus* que vem desde a Idade Média e, certamente, contamina os poetas barrocos. Esse sintoma é próprio da sátira gregoriana. Araripe Júnior viu isso muito bem, quando diz que "a sátira, antes de ser um fenômeno social e literário, é um fenômeno fisiológico". (10). O Boca do Inferno é, portanto, uma brasa, um anjo-demônio, torto, injuriado e que, pelo riso de seu riso, se faz conciso.

Em relação à questão polêmica do plágio, o poeta em questão é, sem sombra de dúvidas, o mais acusado dentro do panorama da poesia brasileira. E, tal acusação, lhe é imposta já por seus próprios contemporâneos, resistindo até nossos dias, embora já exista uma leitura-crítica "com olhos novos para o novo" de sua longa e polêmica obra. Visão esta que desfaz o equívoco que apresenta o sátiro-poeta como um mero plagiador. A verdade, é que Gregório de Matos, o *Boca do Inferno*, é um grande erudito, dono de um incomensurável repertório literário no âmbito de sua época. O que ele fez foi recriar a poesia de mais alto nível, tanto os clássicos assim como a que estava em voga no seu tempo. E, como um grande barroco-moderno-antropófago que era, comia apenas o melhor. O *make it new* poundiano era já utilizado por Gregório à sua maneira. Por isso o leitor mais avisado vai encontrar Camões, Gôngora, Quevedo em sua poesia, assim também como encontrará Petrarca, Virgílio e Homero no poeta dos *Lusíadas*. Essa tradição que vai de mestre a mestre é a certeza de que poesia sempre vem de poesia. O que, em outras palavras, quer dizer que o processo de criação literária como intertextualidade é intrínseco à melhor poesia feita desde a antiguidade clássica. (11).

O problema da recriação da poesia gregoriana, realizado por novos leitores-poetas, se dá de várias formas. Sendo, também, um processo intertextual de criação ou *transcrição*. Caetano Veloso, lá em Londres, assume em seu exílio a *persona* de Gregório, dando viva voz à escritura melopáica do baiano barroco e transforma a sua viola de cabaça num violão eletrizante, momento esse de modernidade ímpar na música popular:

*Triste Bahia! ó quão dessemelhante
Estás e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.
A ti troucou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem
trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.*

Em seu estudo "Arte Final para Gregório", o poeta Augusto de Campos, concretamente e a nível de invenção, recria o poeta barroco dentro do lance de dados da classificação poundiana. Mostra um Gregório "verbivocovisual" e/ou "fanomelogopaico", transcribando-o

melopéia

PÉS DE PUAS COM TOPES DE SEDA

CABELOS DE CABRA COM PÓS DE MARFIM

fanopéia

PÉS DE PUAS COM TOPES DE SEDA

CABELOS DE CABRA COM PÓS DE MARFIM

logopéia

PÉS E PUAS DE RISO MOTIVO

CABELOS E TOPES MOTIVO DE RIR

Arte-final para Gregório por Augusto de Campos

*Ao mesmo Desembargador Belchior da
Cunha Brochado.*

SONETO

Dou pruden nobre huma afav
Rec >to scien >te benigno >no e apraziv >el
Uni >co singula ra inflexiv >el
Magnifi >ro precla >ro incomparav >el
Do Mun >do grave ju >is inimitav >el
Admira >do goza >is aplauso incriv >el
Po >is a trabalha tan >to e t terriv >el
Da >is promp >to execuç >am semp. inc. >el
Voss >a fa >ma senhor sej >a noto >ia
L >no cli >ma onde nunc >a chego o d >ia
Ond >e do Ere >bo só se tem menor >ia
Para qu >e gar >bo tal tanto energ >ia
Po >is de toda es >la Terr é gentil flor >ia
Da ma >is remota >la sej >a uma alegr >ia

quanto à importância do significante.

A poeta e estudiosa portuguesa Ana Hatherly, organizou uma antologia de *textos-visuais* dos séculos XVII e XVIII, um livro chamado "A Experiência do Prodígio", onde encontram-se reunidos poetas anônimos e desconhecidos, entre os quais o nosso Boca do Inferno, nessa tão bem denominada "arqueologia da poesia experimental". (12). O poema incluído pela organizadora, denomina-se "Ao mesmo Desembargador Belchior da Cunha Brochado", vejam a sua disposição gráfico-visual ao centro.

O que se pretende com este breve mergulho na obra gregoriana, com toda a sua incompletude, é atentar para o fato de que o nosso poeta-satírico-barroco-moderno, não é e não será assunto esgotado nessa "coisa engraçada chamada literatura brasileira", (13) como nos diz o anticrítico poeta da linguaviagem.

BIBLIOGRAFIA

- 1- Campos, Haroldo de. "Da razão antropofágica: A Europa sob o signo da devoração", texto mimeografado. (Colóquio/Letras, Lisboa, julho de 81);
- 2- Coutinho, Afrânio. "Introdução à Literatura no Brasil". Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976.
- 3- Jr., Araripe. "Teoria, crítica e história literária". Edusp, SP, 1979.
- 4- Pound, Ezra. "ABC da Literatura", Ed. Cultrix, SP.
- 5- Campos, Augusto de "O Anticrítico" Ed. Companhia de Letras, SP, 1986.
- 6- Wisnik, José Miguel. "Poemas escolhidos, Gregório de Matos", Ed. Cultrix, SP.
- 7- Jr., Araripe. Op. cit.
- 8- Jr., Araripe. Op. cit.
- 9- Benjamin, Walter. "A origem do Drama Barroco Alemão". Ed. Brasiliense, SP, 1984.
- 10- Jr. Araripe. Op. cit.
- 11- Gomes, João Carlos Teixeira, "Gregório de Matos, O Boca de Brasa - um estudo de plágio e criação intertextual". Ed. Vozes, RJ, 1985.
- 12- Hatherly, Ana. "A experiência do prodígio". Imprensa Nacional: Casa da Moeda, Lisboa, 1983.
- 13- Campos, Augusto de. "Poesia, Antipoesia, Antropofagia". Cortez e Moraes, SP, 1978.

João Batista de Moraes Neto é poeta e estudante do curso de Letras da UFRN. É mais conhecido sob o pseudônimo de João da Rua.

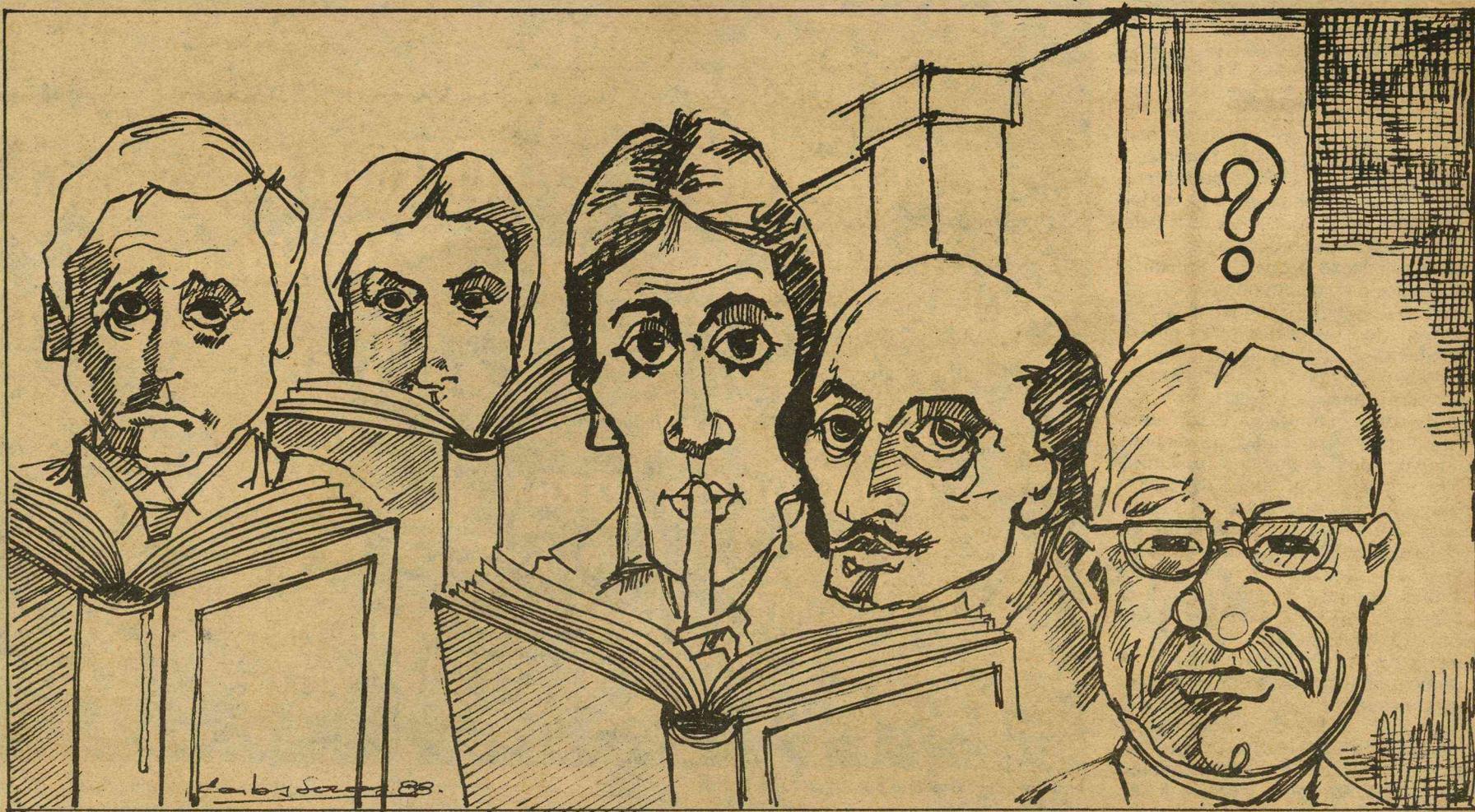


Ilustração de Carlos José Soares

Leituras e Leitores

Publicou-se, certa vez, num jornal do Rio, uma curiosa reportagem, de autoria da jornalista Susana Schild, intitulada "A difícil leitura até o fim". Aconteceu, por essa mesma época, que, num programa de televisão, denominado "Debates", o escritor e acadêmico Antônio Houaiss revelava que não era um bom leitor. E afirmava: — "Quando um livro não me interessa, quando sinto que não me acrescenta nada, desisto dele". Esta é, sem dúvida, uma atitude coerente, de um leitor normal. Leitor que fica esperando que o livro melhore do meio para o fim, é aposta no vácuo. Sobretudo numa época movimentada como a que vivemos, solicitados por tantos problemas quotidianos, a exigirem pressa e soluções. Inclusive solicitados também pela pleora de livros, de editores nacionais e estrangeiros, cujos grandes nomes e autores e as belas capas aliciantes nos envolvem o interesse e a curiosidade.

Vários depoimentos de romancistas, poetas, ensaístas nossos, de nomes respeitáveis e admirados, constavam da reportagem: Carlos Drummond de Andrade, Josué Montello, Francisco de Assis Barbosa, Nélida Piñon, Eduardo Portela,

por exemplo. Francisco de Assis Barbosa, aliás, valeu-se da oportunidade para considerar "Grande Sertão, Veredas", de Guimarães Rosa, "o maior romance de língua brasileira". Dos outros depoentes, alguns informaram que, começado um livro, vão até o epílogo. Outros desistem logo no início ou às páginas tantas. O poeta Drummond pertencia à segunda categoria. Dizia ele, repassando o tempo perdido: — "Fui um grande leitor, quando jovem, mas nunca fiz da leitura um esforço. Parei muitos livros no meio, alguns até no início". — "Acho que a leitura não é para castigar o espírito, mas há diferenças entre o livro ruim e o livro difícil".

Não é o caso, no momento, de nomear um livro ruim, sobretudo para não alicar disputas. Gostos não se discutem, sobretudo quando dependem, às vezes, dos níveis culturais dos leitores, de condições da sensibilidade, da capacidade de visão da inteligência, da experiência da arte literária, das tendências de uns e de outros. Já acentuar um livro difícil é mais fácil. O "Ulisses", de James Joyce, é uma espécie de padrão e símbolo, sempre citados, dos livros dessa última natureza.

Numa Célebre conferência, trans-

crita em seu livro "Borges Oral", o grande escritor argentino lembra Montaigne, que afirmava logo deixar de ler um livro se nele encontrava uma passagem confusa ou ininteligível, porque via na literatura uma forma de amizade. Observação, agora, do próprio Borges: — "Se lemos algo com dificuldade é que o autor fracassou essencialmente, porque ele requereu um esforço. No seu depoimento, de resto, eis o que acrescenta o romancista Josué Montello, sem confidenciar se gostou ou não do livro: — "O livro que me deu mais trabalho foi, sem dúvida, "Ulisses". Tive que recomeçar a leitura várias vezes. Não acredito que se possa ler "Ulisses" sem leituras adicionais, chaves para decifrar toda aquela escrita criptográfica". Há leitores de Joyce, no entanto, de quem se diria lê-lo com a unção dos obstinados ou dos crentes fervorosos. E é de se acreditar nesse fervor, pelo esforço afinal certamente compensado. Ocorrenos, aqui, a propósito, a advertência de um outro ilustre intelectual argentino, Monsenhor Gustavo Franceschi: — "Os livros não são para os homens em geral, porém para tais homens, de tal povo, de tal século, de tais condições".

Em seu livro "Le Travail Intellectuel", Jean Guittou reporta-se aos problemas da leitura, de um ângulo muito particular e, substancialmente, muito importante. Escreve ele: — "Tirai da vida humana os trabalhos, os contratempos, os cuidados do corpo e do mundo, as mudanças, os acidentes e restará pouco tempo para as leituras. Aquele que tiver lido dez livros por ano, durante um meio século, conhecerá apenas uma ínfima parte do conteúdo da mais pobre biblioteca de sua cidade. E contar dez livros bem lidos, num ano, será, talvez demais?"

O argumento surge como pertinente, sobretudo no mundo apressado em que vivemos e a que nos referimos inicialmente.

Ernest Dimmet, em "A Arte de Pensar", reeditou o velho preceito: — "Não leiais os bons livros- a vida é demasiado curta. — É preciso ler somente os excelentes".

Há outro problema sério a considerar, ainda, como conclusão. É quando somos levados a uma releitura, pela alegria de repetir e reviver a alegria e a graça de uma iluminação, de uma emoção interior. Aí temos que forçar a barra, temos que encontrar tempo e oportunidade para isso. Mas vale a pena, sempre.



Habitualmente vivo assim sorrindo
O riso para mim exprime tudo!
E no ato mais sério estando rindo
Sou mais sério sorrindo que sisudo!

Jorge Fernandes, natalense, nascido em agosto de 1887. Antecipou o movimento concretista ao escrever o poema "Rêde" onde grafou a palavra suspensa em meio arco, como uma meia lua. Faleceu em 1953.



"A Bicicleta do Condenado" reuniu propostas de Brecht e Becket.

Cinco jovens coloridos ocupam o palco do IV FESTIVAL DE ARTES DO NATAL, no Forte dos Reis Magos, em Dezembro de 1982. Um figurino extravagante, uma linguagem irreverente e bem humorada, mais performance que interpretação (no rigor do conceito stanislavskiano), e um cenário que completava a plasticidade de um espetáculo de encher olhos, ouvidos, bocas, coração, mente ... garantiu o ESQUINA COLORIDA como um happening, que tomo como referencial para a história recente do teatro no Rio Grande do Norte.

Um reciclador de símbolos, com uma competência arrasadora, como definiu Aécio Cândido, o Esquina Colorida trazia na sua proposta cênica o flagrante daquele momento histórico: a confusa abertura do governo militar e a necessidade generalizada de expressão fora dos limites do Departamento de Censura das "Diversões Públicas" da PF. Falar novo. Falar jovem era preeminente, muito embora o novo não fosse mais

Um Balanço na Cena Potiguar

que voltar aos anos 60 ou persistir na contracultura. Mas para os nascidos sob o signo dos Generais-Presidentes vivenciar experiências sepultadas ou perseguidas pelo AI-5, era, sem dúvida, inusitado.

Nessa época acontecia no país, como definiu Gianfrancesco Guarneri, o "teatro ocasião", das metáforas-armadilhas-para-censores-bur-

ros-deixarem passar-o-conteúdo-essencialmente-denunciador-do-texto, competindo com os espetáculos-lucros dos galãs de TV vendendo abobrinha de seus inofensivos anunciantes nas comédias chamadas de costumes.

E na terra do Poti, o que acontecia?

Antes do Esquina, na década

70, tivemos o teatro de Carlos Furtado, que coloca os potiguares diante de espetáculos como "Antígona" e "A bicicleta do Condenado", onde propostas de encenação de repercussão universal, como as de Becket, são trabalhadas com competência e deixam como saldo, uma platéia de bom nível, e o trabalho de formação técnica dos atores e os grandes momentos do TONUS (Teatro Universitário).

Tivemos ainda, as experiências de "teatro ritual" e teatro relação ator/espectador com inspiração grotowskiana, com Vécio Lisboa, seu grupo e o antológico "La Serpento" nas águas do Potengi; o grupo brechtiano Nuvem Verde com várias montagens dos textos do "autor dos distanciamentos" sob a criatividade dos gatos lúdicos vicente-jaime-carlão; o "teatro sincrético", nessa época com forte inspiração no teatro arena (pré-64) de Jesiel Figueiredo; e o grupo Aquarius com a "Margarida" e o "Ponto de Partida". O gru-

po TAN, que tinha experimentado grandes momentos nas décadas 50 e 60, passa agora por um período de quiescência.

No interior do estado, o Teatro Amador de Mossoró atravessa uma crise e o Teatro do Sesi monta "Dona Xepa". Em Caicó, vários grupos estudantis e amadores fazem o show continuar.

Como contribuição marcante ao fazer teatro nessa época destacam-se, o trabalho de encenador de Carlos Furtado e a formação técnica com bases stanislaviskianas dos atores do Tonus e Expressão (grupo de televisão universitária), o trabalho de divulgação e formação (sem método preciso) de Jesiel Figueiredo e as experiências grotowskianas de Vécio Lisboa.

No tocante a produção teatral, a presença dos órgãos oficiais como patrocinadores no trabalho dos dois primeiros encenadores, garantia maiores recursos técnicos e financeiros, mas em contrapartida, limitava a liberdade em busca de uma estética e uma linguagem mais livres, caindo no hermetismo do acadêmico ou na reprodução do tradicional, careta, ultrapassado ou kitsch mesmo, ressaltando-se os insights e o vanguardismo de várias concepções de C. Furtado. Já as produções independentes de Vécio e do Nuvem Verde se permitiam mais ousadas e chegaram mesmo a esboçar uma proposta cênica jovem e uma nova linguagem estética no nosso teatro.

Mais para o final da década de 70, surge em Mossoró o Grupo Terra, liderado pelos agrônomo-poetas Aécio Cândido e Crispiniano Neto, com forte influência do "teatro do oprimido" de Boal e do "teatro épico" de Brecht, levando aos terreiros dos trabalhadores rurais o espetáculo "Terra Pra Quem Nela Trabalha", constituindo-se sem dúvidas no inaugurador do teatro politicamente engajado no Rio Grande do Norte.

No início da década de 80, a atriz Ivonete Albano lidera o movimento em busca da organização dos grupos de teatro amador do estado, e com a criação da FETERN, o trabalho dos vários grupos do interior e dos bairros da capital chegam às várias platéias do nosso e de outros estados. O teatro torna-se mais popular em todos os sentidos e autores vindos das classes populares, falando do seu cotidiano, como Águeda Ferreira, despontam.

Nos diversos grupos amadores são fortes as influências de Augusto Boal, do Arena, Oficina, Opinião e de Jesiel Figueiredo, esse último tendo ministrado cursos em todo o estado e sido o mestre de Costa Filho e Vila Ilson (hoje Chico Vila), que despontavam como jovens ence-



"Antígona", encenada pelo teatro de Carlos Furtado, em 1978.

nadores.

A qualidade dos espetáculos reflete a precariedade de recursos financeiros e técnicos, predominando a habilidade dos encenadores/atores (justiça se faça, bastante criativos) em reciclar sucatas e comunicar o texto, mais pela mensagem (crônica do cotidiano, às vezes com alguma conotação política) do autor do que por uma interpretação a ser expressada pelo grupo, da mensagem ou pensamento desse autor.

O TAN volta à cena, agora sob a direção do autor Racine Santos, com as farsas e comédias desse autor, onde ainda se sente a influência do "teatro da personalidade" de Sandoval Wanderley, alguns resquícios da commedia dell'arte e algo dos autos populares nordestinos.

Após o happening do IV Festival de Artes do Natal, o Esquina aponta como sugestão a ser seguida, reforçada pelo trabalho semelhante do grupo do Sul, sucesso em todo o país, ASDRUBAL TROUXE O TROMBONE, vivendo seu apogeu em 83, começando a declinar em 84 e como o companheiro do Sul, acabando em 85. As teorias da proposta cênica de ambos, assim como no movimento Tropicália - a semelhança entre Tropicália, Esquina e Asdrubal pode ter sido mera coincidência, mas que pareciam, pareciam! - não existiam como preocupação daqueles que os faziam. Fazia-se e acontecia, até quando funcionasse o caldeirão da sopa antropofágica em efervescência. Algo bem comum do happening!

O Grupo Terra estréia em 82 seu segundo espetáculo, dessa vez

menos ligado a questão rural, mas igualmente engajado da luta-de-todos-os-trabalhadores, "Circo Alegria do Povo", que é seguido pela ópera sertaneja "O Garrancho" e "Constituinte meu distinto, seu direito, vá em frente e meta os peito", todos textos de Aécio Cândido, falando da nossa história sob a ótica do oprimido.

Segundo também a proposta do teatro politicamente engajado, surge em 81 abrindo as assembleias universitárias com o seu "UNIVERSINDO", nos atos públicos, portões de fábricas ou circulando pelos bairros de Natal, Bosco Cariri, com seus vários personagens, contracenado com outros atores ou não atores em improvisos sobre temas das classes populares.

Um novo espaço para o fazer teatral surge em 84 com o projeto da SEC-RN, "Vamos Fazer Teatro Nas Escolas", coordenado pela professora Ivonete Albano, onde o nível da formação técnica oferecido ao escolar interessado em se expressar pela linguagem cênica, modifica a qualidade dos espetáculos de escola e do teatro estudantil, e coloca novos atores com bagagem técnica nos grupos amadores, além de contribuir para melhorar o nível das platéias e da discussão do fazer teatral.

Os profissionais liberais são também atraídos para o teatro, surgindo a Trupe Teatral formada por professores universitários e dirigida por Vera Rocha; o Caçuá, Cangalha e Cena, uma ampliação da Trupe com outros profissionais dirigida por Juca Villachi e Sérgio Fialho; e o grupo Argamassa composto por bancários da Caixa Econômica Federal. Esses grupos com formação técnica de bases stanislaviskiana, fazem um teatro mais existencialista, onde predominam o lirismo temas intimistas, em encenações oníricas e preocupadas com a plasticidade.

Mais recentemente a Companhia Alegria Alegria, inicialmente um grupo de palhaços liderados por Batista Júnior, que animava festas infantis, inaugura um novo momento no teatro potiguar com o espetáculo de rua "As Aventuras de Pedro Malazarte" de Racine Santos, com figurinos e adereços de João Marcelino, e mais de 200 apresentações por todo o país, renovando a linguagem dos "causos" e "sugestas" dos personagens e folguedos populares. A Companhia finca um marco também no teatro infantil potiguar, que experimenta um salto qualitativo com o texto e direção de Jorge Romano, em "Era uma Vez Um Rei", que contou com efeitos visuais de João Marcelino, e estabelece o início da era do teatro inteligente para criança inteligente.

Carlos Nereu é diretor e encenador teatral. Coordena o setor de teatro no TAM (Teatro Alberto Maranhão). Dirige atualmente o grupo Argamassa, da Caixa Econômica Federal.

Ode à palavra

A palavra trabalha com hábeis mãos.
 Dela me sirvo à mesa
 com esses poucos gestos que saciam meus segredos.
 Por menos que me baste, a ela servindo estou
 e lhe ofereço o disfarce da ordem e da compreensão.
 Através dela me armo e soletro caminhos incertos
 com seus ardis tão certos.
 Mas, animal, dela sou presa
 e me resumo na proeza
 de lhe dar formas libertas
 — pois meu ofício é dar à palavra, invenção.

Palavra é abismo, é infinito.
 É lirismo e é blasfêmia.
 É amor e vômito.
 É o fel e a fez.
 Antropófaga e artesã. Ave de asa tensa no cobalto.
 Queda no duro asfalto.
 Cristo que se crucifica nos quatro infinitos cardeais.

Ela inquieta e perturba o equilíbrio de minhas intimidades,
 o chão e o âmago, o sonho e a agonia,
 a vida que explode, a morte que desafia.
 E me convoca para o Sermão da Montanha
 que é ato de lirismo,
 embora incompleto o inútil gesto.
 Com ela eu faço a humilde doação
 e o mundo faz sentido e aceitação.

Com os instrumentos do meu grito e do meu silêncio
 trabalhava revigorada,
 para que assim me desculpe, abjeta,
 de viver tão memorável gesta.
 Fiel é ela que me constrói
 tão suave quanto íntima e depurada
 e tão áspera e amarga como esponja em fel.
 E me sacode para as coisas que consumo e que suspiro,
 sustentando o peso de seus signos.

Animal é ela e clama libertação
 pois que domando está domada
 a esta humana insubmissão.